



Universidade Federal de Juiz de Fora  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

**Eduarda Gavioli Barone**

**CROQUIS:**

Ferramenta de percepção e criação na Arquitetura

Monografia apresentada à Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo da Universidade  
Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial  
para conclusão da disciplina Trabalho de  
Conclusão de Curso I.

Orientador: Arq. e Urb./Prof. M. Sc Mauro  
Santoro Campello

Juiz de Fora  
Julho / 2017

#### Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família, especialmente meus pais que sempre me apoiaram e acreditaram em mim, aos meus amigos e à Dri pela inspiração e alegrias de todos os dias.

À Tia Petossa, que sempre torceu por mim.

## **Agradecimentos**

A UFJF, seus professores e funcionários, por proporcionarem o melhor ambiente possível para meu desenvolvimento acadêmico e também pessoal.

Aos meus pais, pelo amor, valores, educação e incentivo que tive durante todos esses anos de estudo e de vida.

A minha família pelo amor, carinho e apoio incondicionais.

Aos amigos por sempre estarem presentes, ajudando nos momentos difíceis e comemorando vitórias e realizações.

A Dri pelo companheirismo que tanto me confortou durante esse período.

Ao professor M. Sc. Mauro Santoro Campello por aceitar a orientação do trabalho com muita paciência e dedicação, sempre me motivando a continuar e estimulando a reflexão, fundamental para o processo.

Ao professor Ricardo Ferreira Lopes pelas conversas que iniciaram as ideias desse trabalho.

A função atemporal da arquitetura é criar metáforas existenciais para o corpo e para a vida que concretizem e estruturem nossa existência no mundo.

PALLASMAA.

## **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o croqui como um instrumento ainda válido na nova era tecnológica em que vivemos. No desenvolvimento, o croqui é abordado em dois momentos: na imersão no local de desenho, onde são absorvidas suas características físicas e imateriais a partir do croqui de observação, e na criação, desenvolvimento e apresentação de ideias com o croqui de criação. O enfoque teórico se deu a partir de correntes de pensamento da fenomenologia que colocam a experiência vivida em análise e sua relação essencial com o ser humano. Essa relação de como estamos no mundo é a base para se intervir buscando o habitar o lugar e a perpetuação de sua identidade.

O texto se divide em quatro partes. Na primeira estão os referenciais teóricos que orientam a abordagem do croqui de observação e criação, vistos na segunda parte do trabalho. A terceira é uma análise breve de Juiz de Fora e na última se encontram as intenções para o futuro projeto.

## **Palavras-chave**

Croqui. Fenomenologia. Habitar.

# Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>01</b>
<b>1. Referenciais Teóricos.....</b>	<b>04</b>
1.1. Habitar e construir o lugar.....	04
1.2. O Genius Loci.....	09
1.3. Imagem da alma .....	13
<b>2. Croquis e vivências</b>	
2.1. Croquis e o desenho na arquitetura .....	17
2.2. Vivências e a produção de arquitetura.....	22
2.3. A experiência a partir do croqui de observação.....	26
<b>3. Área de intervenção em Juiz de Fora.....</b>	<b>39</b>
<b>4. Projeto .....</b>	<b>46</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>51</b>

## Introdução

O modo de fazer arquitetura vem se modificando ao longo do tempo. O fazer arquitetônico acompanha as mudanças trazidas pela globalização e é influenciado por ela ao se intervir no espaço vivido pelo ser humano. Estar imerso num ambiente e se sentir tomado por suas qualidades, entender sua relação com o entorno, o que outras pessoas fazem ali, tentar se identificar e se sentir em casa depende da relação do espaço concreto com a vida local e como ele é feito. Se uma intervenção não é necessariamente pensada a partir da demanda local, mas sim beneficiando o interesse econômico, é difícil que ela atinja um conceito de concepção de cidade que possa ser desfrutado por toda sua população. Ao invés disso, o resultado é um distanciamento entre o entendimento da cidade como concretização do desejo de habitar humano e o que é valorizado e vendido pelo capitalismo e globalização.

A globalização e o capitalismo nos colocam novos valores e modos de viver como propaganda, o que gera interesse em novos costumes, produtos e valores que podem modificar a vida cotidiana de um lugar e substituir o que antes era próprio e significativo daquele local. Assim a cidade se distancia dela mesma e se torna mais globalizada e internacional, perdendo sua própria identidade.

O presente trabalho propõe a utilização do croqui de observação in loco como forma de estabelecer uma conexão com o lugar antes de se intervir nele. Ao observar, perceber e absorver aspectos estruturais concretos da paisagem física e também do contexto e caráter existente, o croqui promove a aproximação do arquiteto de tudo que possa ser importante para dar significado ao lugar e atender a real demanda local de um lugar para o ser humano habitar.

No contato com o croqui em locais urbanos durante a disciplina Croquis Urbanos, a experiência de imersão no local durante o tempo em que o croqui de observação era realizado permitiu uma aproximação maior com os lugares visitados. Ao mesmo tempo que trouxe também uma perspectiva de alguém que usa aquele espaço e observa os outros que ali desenvolvem suas atividades, numa busca de compreender a vida que acontece entre os edifícios. O modo como o espaço concreto ajuda ou não a vida

cotidiana acontecer cabe a arquitetura entender, e é importante que um projeto de arquitetura contenha intenções essenciais para cada lugar que tornem possível o habitar em cada contexto particular.

Também ao permitir espaços que se comunicam apenas com o sentido da visão estamos nos distanciando de uma cidade habitável e inclusiva, feita de ambientes indiferentes ao nosso corpo, que propositalmente nos fazem sentir deslocados numa relação impessoal com tudo que acontece ali, como se fossemos apenas espectadores ou consumidores (como acontece nos shoppings). A ligação das pessoas entre elas e com o espaço é sabotada pela distância da visão, que não convida ao toque, mas se mantém longe, denunciando um espelho da sociedade cada vez mais individualista que estamos.

Aí entra o papel do arquiteto como um possível agente transformador dessas realidades, aliando-se aos interesses da sua comunidade, juntamente com o poder público, para tomar a iniciativa de questionar sobre o caráter que a cidade está construindo e o qual ela realmente deseja ter. O arquiteto tem o poder de mudar as relações entre pessoas e a possibilidade de mostrar a verdadeira vocação dos lugares que tocarão nossas vidas e trarão alguma identidade e um sentimento de pertencimento.

O croqui de observação é colocado aqui como meio de aproximação de lugares e mediador na criação de novos lugares, criando um contato mais íntimo com o local desde o início do projeto, sugerindo a fenomenologia como ponto de partida, na forma da volta ao contato com o que é essencial no espaço vivido pelo ser humano. Usando a abordagem fenomenológica desenvolvida por Christian Norberg-Schulz para absorver o espaço concreto e a ambiência local e entender os significados contidos nos lugares, a de Heidegger para compreender sobre o habitar e ser do ser humano, e a de Bachelard para trazer à tona a criatividade vinda da alma para inaugurar uma imagem pura do ser poético, o croqui funcionará como uma ferramenta de aproximação, análise e criação ao mesmo tempo.

O trabalho é dividido em três partes. Na primeira, são apresentados os conceitos que nortearam a noção de habitar um lugar e construir nele cultivando seu caráter único (que pode também ser uma combinação de vários caracteres). Na segunda parte, o croqui é apresentado como solução para retomar a proximidade com o lugar e como outros arquitetos também encontraram no croqui de observação um meio de perceber e registrar as ambiências de vários lugares. A terceira parte trata do lugar escolhido para uma



intervenção urbana que será feita a partir do método do croqui de observação no centro de Juiz de Fora. Na última parte entram as diretrizes projetuais que farão parte do projeto.

# 1. Referenciais teóricos

## 1.1. Habitar e construir o lugar.

Em alguns lugares nos sentimos em casa, em outros nos sentimos deslocados, perdidos. Essas sensações ocasionadas pela identificação (ou não) com o caráter do lugar nos permite habitá-lo, rejeitá-lo ou nem o perceber. Para o bem da arquitetura e cidade que devemos propor como planejadores, os lugares que criamos tem o objetivo de agregar pessoas, permitindo que permaneçam ali.

Para Heidegger, a construção humana está atrelada ao habitar e deve vir dela, sendo a sociedade inteira a transformadora do lugar que vive. Também da identificação com o lugar faz crescer um afeto por ele e uma sensação de pertencimento, que vem depois, mas tudo começa com a afeição inicial de descobrir um lugar novo que seja como estar em nossa casa: nos sentimos bem apenas em estar ali, é uma simpatia imediata e que não precisa ser forçada ou imposta, podemos nos acomodar ali e ficar à vontade por horas. É isso que deve ser buscado na arquitetura, um lugar para abrigar o corpo, não apenas para comover os olhos.

Normalmente, os lugares que nos sentimos à vontade nos trazem conforto, sombra ou luz do sol, espaço suficiente para estar bem, espaço para nossas atividades ali, dependendo do estado emocional, do gênero, da classe social, das condições meteorológicas, das características locais de clima, do contexto inserido. São muitas as variantes, mas um lugar feito para o habitar deve permitir e convidar a permanência das pessoas dos mais diferentes grupos sociais, abrangendo a diversidade que temos na cidade.

Na figura 1, um grupo de idosos se reúne para jogos diversos entre eles ao mesmo tempo em que crianças brincam no parquinho cercado ao lado e acontece um protesto em frente à Câmara Municipal em Juiz de Fora. Ao permanecer e habitar, ajudam a construir a identidade e cultura do lugar.



Figura 1: Croqui da autora.

Os conceitos de habitar e construir discorridos por Heidegger em sua conferência “Construir, habitar, pensar” de 1951 estão no trabalho para nortear a essência do projeto que será feito na segunda parte do TCC. Para Heidegger, habitar é a forma como estamos no mundo. Sua análise fenomenológica volta-se para o ser humano em seu ambiente, habitando entre o céu e a terra, aguardando entre os mortais (os que habitam) e o divino. Estar entre o céu e a terra é estar em comunhão com o lugar, usar e respeitar o que é o lugar. Aguardar entre os mortais o divino é estar como aqueles que habitam, é observar a cultura e repercutir o que nos é passado. Ou seja, habitar é perpetuar um habitar e melhorá-lo através do construir em conjunto com os que habitam e com respeito ao lugar.

Heidegger usa a etimologia para demonstrar que as palavras ser, habitar e construir tem uma mesma origem, e significam permanecer, morar, cultivar, edificar e ser. A partir do momento em que foram dissociando seus próprios significados, o habitar e o construir foram separados do ser, e considerados independentemente do ser. A partir disso, relacionamos como hoje se constrói sem o senso de habitar, se desliga o cultivar em sociedade os lugares, que são agora geridos por pessoas que não os habitam, desconecta-se o próprio ser do seu lugar. Por isso se faz necessário voltar para o básico ser no lugar.

Esses conceitos foram escolhidos com base num questionamento acerca da superficialidade que atinge todos os aspectos da vida contemporânea e que parece se irradiar cada vez mais com a globalização e o modelo capitalista de massificação cultural. A importância de se ter as coisas é maior que o próprio significado delas, invertendo o valor de ser e de ter. A medida em que nos afastamos dos significados e não refletimos sobre o que somos, a cidade é tomada pelo uso do capital e se perde, assim como seus

habitantes. Tanto na cidade como fora dela, precisamos de lugares que estejam em sintonia com um habitar adequado.

Ser no lugar significa estar presente no lugar para poder se conectar com ele, descobrir seus significados, entender suas dinâmicas próprias, estar atento a sua relação com as pessoas e buscar uma proximidade no momento da experiência. O croqui permitirá isso, pois além de ser uma ferramenta de criação e aproximação, ele é também um meio de se conectar com o lugar. A conexão com o lugar depende de muitos fatores, mas normalmente é uma característica que nos chama atenção que nos faz lembrar de um lugar (e da experiência que tivemos), às vezes com afeição, outras nem tanto.

O amor pelo lugar vem de suas características singulares que nos encantam e fazem nota-lo como um lugar, como personalizações feitas por pessoas dali, ou um costume local de moradores. Quando não há espaço para a personalização e a espontaneidade, o lugar perde sua singularidade e o poder de atração que vem com uma identidade bem definida, legível e convidativa à vida humana e suas adaptações.

Na cidade, os espaços desprovidos de qualquer personalização e marcas singulares são cada vez mais frequentes. Não possuem uma identidade única e estão desconectados de seu entorno e da vida presente ali. Marc Augé (1995) define esses locais como não-lugares. São espaços opostos ao lar e a noção de se estar em casa (AUGÉ apud LOPES, 2010).

Os não-lugares podem surgir quando não se pensa um projeto para o ser humano, ou seja, não é uma finalidade habitar ali, mas fazer outras atividades predestinadas para aquele ambiente, como são os shopping centers, espaços fechados em si e para o resto da cidade, em que o único propósito é consumir, criando um ambiente artificial e alienado da vida da cidade (figura 2).



Figura 2: Foto do interior do Shopping Jardim Norte. Fonte: Tribuna de Minas, acesso em jun. 2017.

Já pensando a partir do habitar de Heidegger, Christian Norberg-Schulz (1980) aponta que o lugar tem o potencial de despertar o habitar em outras pessoas, se possuir um caráter local e permitir identificação e orientação no espaço. Um projeto de arquitetura pode despertar o habitar partindo do seu princípio de identidade com o entorno em que será inserido, pensando na essência da manifestação do próprio lugar.

Habitar está na base do nosso próprio ser, e em seu sentido pleno não significa apenas estar abrigado em um lugar e ser habitante dele, mas ser o próprio lugar, pertencer a ele. Isso significa estar em contato com tudo a sua volta, com as coisas no seu entorno, construindo a partir disso, cultivando essa essência. Ou seja, habitar favorece a cidade, o lugar; então devemos sempre buscar essa finalidade em intervenções.

Para Heidegger, habitar é o traço fundamental do ser- homem.

Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua

essência. O traço fundamental do habitar é esse resguardo. O resguardo perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre essa terra. (1951, p. 3)

Habitamos quando o lugar tem uma identidade que é comum ao nosso próprio ser. Quando nos identificamos com seu caráter e pertencemos a ele o lugar nos pertence. Habitar é essencial para a sobrevivência das cidades. Temos a propensão de cuidar do que nos pertence, portanto, um lugar habitado tem mais chances de sobrevivência em tempos que o grande agente transformador do espaço é o econômico.

Para Heidegger, habitar é possível num lugar onde ocorre a manifestação da simplicidade, ou seja, a essência das coisas como elas são. A essência está na quadratura apresentada por ele: terra, céu, mortais e divino.

Os lugares que guardam a quadratura, aqueles que permitem a união dos homens (mortais), considerando a terra, acolhendo o céu e aguardando o divino foram construídos a partir da essência do ser, de habitar, e acabam por possuir um caráter e simplicidade que possibilita uma identificação com os homens.

Temos o potencial de criar esses lugares que agreguem toda a vida já existente e ir mais além, integrando mais pessoas àquele lugar através de intervenções que sejam capazes de comunicar com aquilo que faz parte da nossa essência e tange todos os seres humanos: o habitar.

Quando o lugar reúne a quadratura e nele se manifesta é que o habitar é significativo, a identificação acontece com o lugar, pois temos ali a essência do que é ser. Estar em contato com terra, céu, mortais e o divino é a essência da vida, é como estamos no mundo. Criar essa identificação é deixar transparecer a essência que está em todos os seres humanos e nos lugares que habitamos.

Ao relacionar o habitar com o nosso ser, ele o coloca como uma experiência básica humana. Habitamos quando nos identificamos com nosso espaço. Sem a identificação, estamos alienados e alheios a qualquer possibilidade de transformação real em sociedade, por não habitar, por não termos uma conexão com o nosso lugar e o lugar de tantas outras pessoas.

## 1.2. O Genius Loci

Christian Norberg-Shulz parte da quadratura e noção de habitar apresentadas por Heidegger para demonstrar sua análise fenomenológica de lugares naturais e feitos pelo ser humano, chegando no entendimento do “espírito do lugar”. *Genius loci* (ou espírito do lugar) é um conceito romano sobre o caráter dos lugares. Cada lugar tem seu caráter, seu *genius*, que denota o que ele é em sua essência. Acreditava-se que cada lugar tinha seu espírito protetor, com suas características próprias, sempre influenciadas por elementos próprios do lugar.

Como cada elemento tem seu impacto profundo no ser humano, na sua forma de perceber o lugar e se relacionar com ele, uma manifestação única de habitar está relacionada a cada aspecto e ambiência percebidos em cada local. Essa ambiência associada a cada configuração de espaços única é o próprio espírito do lugar. É a junção de sua atmosfera e o próprio espaço concreto que formam caracteres únicos, que podem ser pretendidos de acordo com o que se deseja em cada local. Por exemplo, deseja-se que uma habitação seja “protetora”, um escritório “prático”, uma igreja “solene”, um salão de festas “festivo”<sup>1</sup> (NORBERG-SHULZ, 1980, p.14).

O caráter local tem a ver com o modo que foi construído, os materiais em sua composição, a disposição do espaço concreto, como as pessoas interagem ali e o que fazem, o que pode ser visto daquele local, a interação entre o exterior e interior (limites), qual a relação concretizada entre céu e terra, os elementos naturais que fazem parte do lugar, o que há disponível no lugar, a incidência de luz e outros.

O estado Meghalaya, no nordeste da Índia, é um dos lugares mais úmidos habitados e sofre cheias abundantes em seu rio no período de monções. O povo Khasi, que vive na região, passou a construir pontes puxando raízes de árvores e colocando-as sobre o rio. O processo de construção e crescimento das raízes leva cerca de 30 anos para se completar e é um exemplo de uma arquitetura singular feita em conjunto com a natureza. O resultado é como visto na figura 3.

---

<sup>1</sup> Tradução da autora da monografia. “A dwelling has to be “protective”, an office “practical”, a ball-room “festive” and a church “solemn”.”





Figura 3: Ponte de raízes. Fonte: ArchDaily, acesso em jun. 2017.

O conceito de *genius loci* vem do entendimento da “realidade vivida”, em que fazem parte os significados e a estrutura. O significado das coisas tem influência cultural e mostra o valor, a relação daquilo com o entorno. A estrutura é a disposição física desses significados e valores no espaço concreto. O significado depende da identificação e é o que traz o sentimento de pertencimento, sendo, portanto, a base do habitar (NORBERG-SHULZ, 1980, p.166).

O ser humano se identifica quando pode se orientar num lugar. Alguns elementos físicos naturais trazem essa orientação, como, por exemplo, os morros, que funcionam como marcos na paisagem. Por serem notáveis em sua altura, são vistos de longe e de vários locais em sua volta. Os morros também são, na análise de Norberg-Schulz, elementos que dão significado de lugar, pois unem os elementos terra e céu, nos dando identificação básica com esses elementos naturais que conformam nossas paisagens e horizontes. O Morro do Imperador em Juiz de Fora (figura 4) tem essa característica. Pode ser observado de diversos lugares na cidade e oferece um elemento de orientação na cidade, principalmente nas regiões Sul e Sudeste.





Figura 4: “Morro do Cristo”, visto de dentro do Colégio Academia. Foto: Leonardo Barone.

As árvores têm essa mesma função, pois crescem da terra e se elevam para o céu, sugerindo a junção dos dois elementos numa coisa só, nos unindo a sua vida natural e seu crescimento. A união com o natural nos faz ter o sentimento de pertencimento ao mundo, pertencimento aos infinitos ciclos de vida que nos rodeiam. Os rios também fazem parte desses ciclos e são também fontes de orientação numa paisagem, além de trazerem uma relação íntima com o ser humano, sendo considerados fonte de vida.

Esses elementos naturais modificam a paisagem e configuram lugares únicos em sua essência. Por isso habitamos os lugares pela orientação e identificação baseada nesses aspectos da paisagem, pois responder a eles exige uma visualização e complementação do que configura o ambiente, numa busca de concretizar o *genius loci* através de intervenções que tenham significados compartilhados com aquela região. O habitar é possível nessa relação humana única com seu entorno, onde o pertencimento ao lugar é dependente de se fazer pertencer a ele.

O ser humano também se identifica quando entende os significados e como outras pessoas habitam num lugar. Para transmitir significados, o lugar deve trazer claramente

um propósito “legível” de uma relação com o ambiente em que está inserido e em sua própria organização e articulação.

A arquitetura e as cidades são a concretização do lugar feito para o ser humano, uma expressão do seu modo de viver e sua essência. A organização do espaço construído mostra como a vida coletiva acontece em cada lugar. Esse espaço vivido mostra os indícios do que pode ser sua vocação, seu *genius loci*. A partir dessa análise o que deve ser feito é reconhecer e dar continuidade ao caráter local para que se tenha uma cidade que represente e concretize seu próprio caráter único da reunião de seus elementos e significados numa organização clara em que seja possível orientar-se.

Essa identidade buscada vem da estrutura do lugar, que depende por sua vez do próprio lugar, seja uma ilha, o alto do morro ou em vales. A estrutura do lugar construído pelo ser humano deve transparecer as relações entre os assentamentos humanos com o lugar inserido para concretizar um lugar legível em que se possa entender o foco da relação e sua articulação com o ambiente.

Como a identidade geral de nossos lugares depende de tais estruturas, elas formam uma parte importante da fenomenologia da arquitetura. Em geral, todos os tipos de assentamentos mencionados representam variações no tema figura-solo. Nós entendemos que “figura” aqui não significa um elemento “exterior” que aparece num “solo neutro”, mas a visualização de um foco presente em potencial.<sup>2</sup> (NORBERG-SCHULZ, 1980, p.175)

---

<sup>2</sup> Tradução da autora da monografia. “As the general identity of our places depends on such structures, they form an important part of the phenomenology of architecture. In general, all the types of settlement mentioned, represent variations on the *figure-ground* theme. We understand that “figure” here does not mean a “foreign” element which appears on a “neutral” ground, but a visualization of potentially present foci.”



Figura 5: Templo de Atena Nice. Fonte: Wikipedia, acesso em jun. 2017.

Na Grécia Antiga, a escolha do lugar tinha grande importância para a localização das edificações. O lugar era escolhido a partir de suas características para atender a cada tipo de edificação e cada localidade tinha sua própria função de agregar um foco, uma direção, centralização ou ritmo. No caso dos templos, os lugares deveriam compartilhar características tanto físicas quanto impalpáveis com os deuses homenageados. A figura 5 mostra o Templo de Atena, localizado no alto do morro, com vista para o Mar Mediterrâneo. A visualização do território e a guerra sobre regiões vizinhas colocou a deusa da vitória em destaque para a cidade de Atenas. O foco dado ao templo demonstra a grande importância da deusa na antiga cultura.

### **1.3. Imagem da alma**

A imagem poética é um conceito de Gaston Bachelard em que a fenomenologia percorre o caminho da imaginação e volta-se para seu momento inicial de criação. A fenomenologia da imaginação surge então para nortear a própria experiência da criação buscando seu início e suas repercussões. Assim como a imagem poética, habitar e construir fazem parte da nossa expressão como seres humanos, e a medida em que



construímos, habitamos e criamos, novas expressões se tornam parte de nós e nossas vidas, criando novas necessidades, identidades, experiências. Ao expandir nossas experiências e trazer à luz algo inédito, a imagem poética tem a força de se tornar uma expressão essencial, pois ela é uma novidade e uma “atualidade essencial”.

Algumas obras de arte podem mostrar melhor a questão essencial da imagem poética e da fenomenologia da criação, com exemplo de Van Gogh, A Noite Estrelada (figura 6). A emoção criada pelo pintor ao transformar uma cena comum, como uma noite estrelada, em uma obra capaz de nos tocar, nos faz viajar para dentro de sua criação, no momento em que colocamos os olhos e identificamos o que ele quis mostrar: a beleza das estrelas, a lua, suas luzes contra a escuridão da noite. É comum, mas se tornou extraordinário por sua interpretação, um fenômeno de todos os dias por um novo olhar, que captou a essência da noite e dos astros que fazem parte dela, ao mesmo tempo que os invoca de uma perspectiva própria e única, que foi capaz de entrar no imaginário de muitas pessoas. Foi sua experiência de perceber esses fenômenos da natureza que permitiu uma nova interpretação da cena.



Figura 6: A Noite Estrelada. Fonte: Wikipedia, acesso em jun. 2017.

A experiência presencial é um ponto essencial tanto para Heidegger quanto para Bachelard. A conexão humana com as coisas em sua essência é um aspecto primordial na experimentação do mundo, pois influencia na nossa identificação com tudo que temos contato.

As duas ações (habitar e construir) nascem do ser e pertencem a ele, assim como da alma surgem as imagens criativas e únicas, podendo também se mostrar e relacionar com outras almas, outros seres. A partir da pureza da alma são criadas imagens poéticas que inauguram uma identificação primordial com outras almas. As imagens poéticas são criações puras da alma, de sua luz interior, são singulares e podem repercutir em outros seres, em seu “eu poético”.

Esse processo de imaginação poética desconhece o passado, a cultura, qualquer coisa anterior. Para ir até as profundezas da alma e presenciar a imagem poética é necessário libertar-se de toda bagagem intelectual e cultural, e apenas estar presente no momento que ela surge ou repercute em nossa alma, sem julgamentos, na tentativa de prender-se a imagem.

O passado de cultura não conta; o longo esforço para interligar e construir pensamentos, esforço feito em semanas e meses, é ineficaz. É preciso estar presente, presente à imagem no minuto da imagem: se houver uma filosofia da poesia, essa filosofia deve nascer e renascer no momento em que surgir um verso dominante, na adesão total a uma imagem isolada, no êxtase da novidade da imagem. (1957, página 183)

Ou seja, a novidade trazida pela alma pode se manifestar ou repercutir em qualquer um, independentemente de onde se encontra ou de seu passado. Isso ocorre porque a própria imagem poética não tem passado, e nos relacionamos e a sentimos somente em sua presença, no presente.

O croqui tende a ser uma imagem poética, pois é uma interpretação e representação única que tem o objetivo de expressar algo, além de apresentar uma novidade em si, criada a partir da imaginação, também inaugura sua própria imagem. E é nessa inauguração da imagem que se abrem as interpretações, relações e mais possibilidades.

O croqui vira um ser próprio que tem sua influência em outros seres. Essa influência é medida por Bachelard em repercussão e ressonância. A repercussão acusa um toque na alma, uma verdade e afirmação que nos prende e é a nossa própria verdade e expressão,

de modo que sentimos que podíamos ter criado nós mesmos a imagem, uma novidade criada que comunica diretamente com o nosso ser. A ressonância é o que geralmente vem depois da repercussão, nossa reflexão e comparação com nossos sentimentos, emoções e experiências, é a parte consciente que reafirma as semelhanças entre as verdades profundas que tomamos consciência com a repercussão.

Quando Bachelard fala da repercussão das imagens poéticas dentro de nossa alma, como se fossemos nós a criá-las, a pura identificação vem de dentro do nosso próprio ser poético, ou seja, da alma, pois a imagem foi criada da alma, por isso permite a afinidade com essa imagem, de alma para alma. O ato de se relacionar com uma coisa criada da alma é essencial para a construção da intervenção que virá na segunda parte desse trabalho, pois a intenção é se identificar com os habitantes da cidade.

Na criação do croqui in loco, será levado em conta que a inauguração dessa imagem se dará pela percepção pura das coisas, sem se adentrar em detalhes da construção ou sua história, deixando que a característica única e subjetiva do croqui mostre a essência percebida naquele momento em cada local e permita uma repercussão em outros seres que se interessarem pelo croqui.

Com foco na criação, a fenomenologia da imaginação de Bachelard dá base para o croqui se tornar uma linguagem fundamental para a novidade trazida por diferentes interpretações da paisagem e desenvolvimento de novas ideias

## 2. Croquis e vivências

### 2.1. Croquis e o desenho na arquitetura

O desenho é o principal meio de comunicação para a arquitetura. O arquiteto se expressa através dele em várias etapas de projeto, sendo que na etapa final o desenho arquitetônico representa a própria arquitetura a ser edificada. Mas o desenho se mostra ainda mais importante nas fases anteriores, principalmente nos croquis, pois é através dele que podemos desenvolver e mostrar ao cliente o que foi imaginado para um lugar.

Ao transmitir ideias com desenhos, esquemas e anotações, a arquitetura e a vida imaginadas ganham seu espaço na imaginação para depois surgir como um espaço concreto, com as modificações conversadas e elaboradas a partir de mais desenhos, num método de tentativas, erros e soluções em que o desenho é o principal termômetro de sucesso e fracasso no espaço bidimensional ao se pensar no meio real (figuras 7 e 8). Com o croqui imaginamos e damos vida a infinitas possibilidades pensadas.

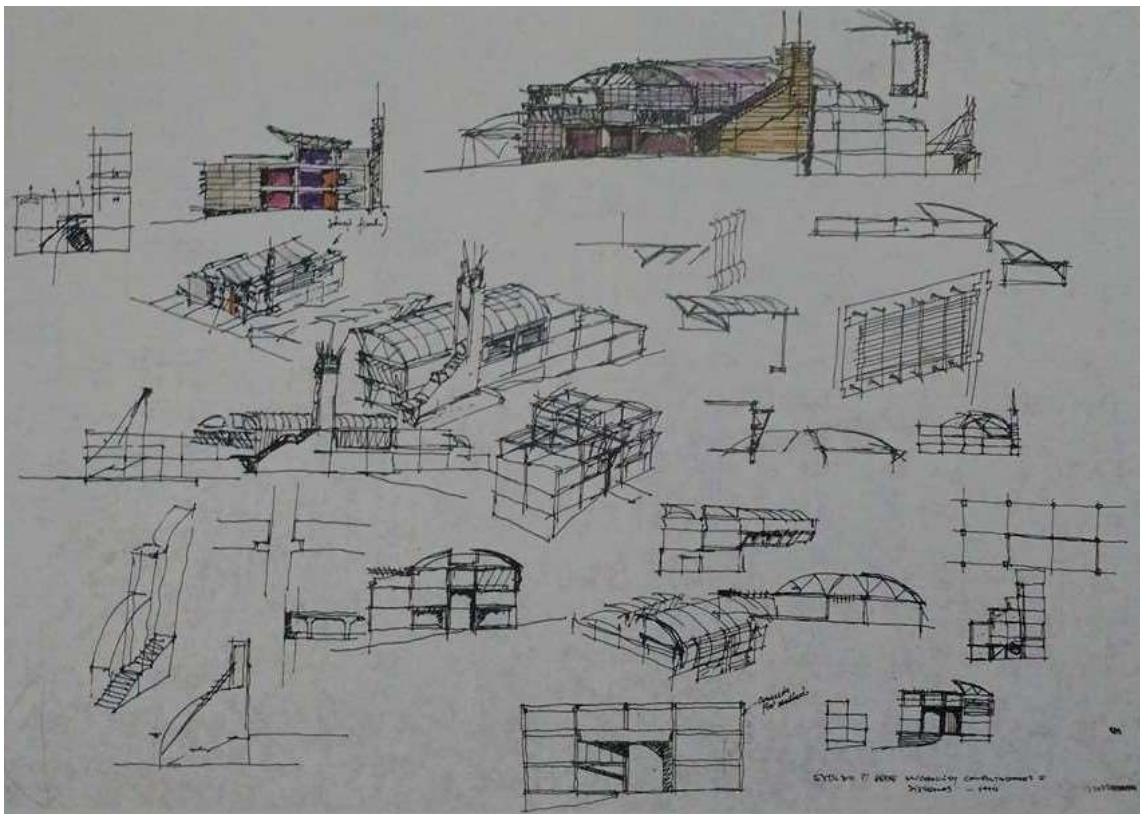




Figura 7: Croquis de Sylvio Emrich de Podestá para o edifício-sede da Microcity Computadores e Sistemas em Belo Horizonte. Fonte: Revista Projeto, nov. 1994, p.58.

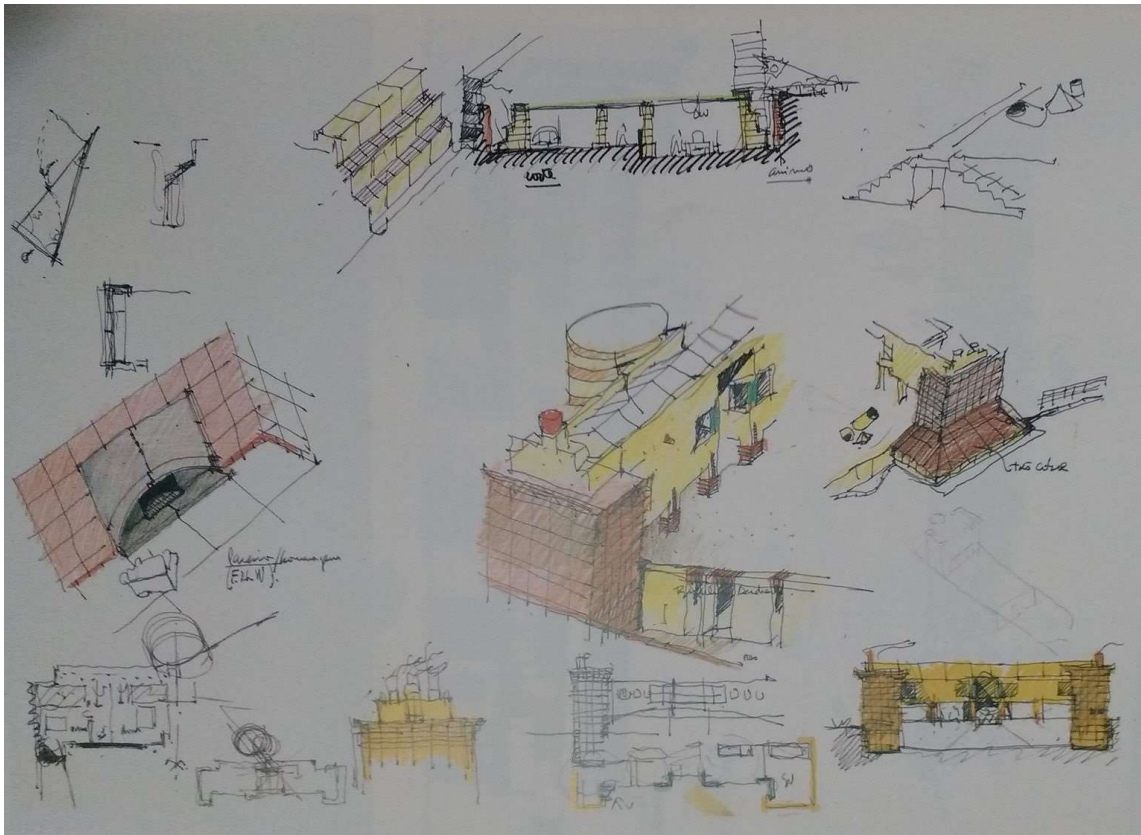


Figura 8: Croquis de Hector Vigliecca Gani para residência em Brasília. Fonte: Revista Projeto, nov. 1994, p.59.

A figura 9 mostra estudos de insolação para o Condomínio Ed. Officenter, em São Paulo. O objeto é trabalhado para se chegar numa solução em que as fachadas e o miolo do edifício atendam às necessidades de insolação e proteção contra o sol. Na figura 10, o objeto se encontra implantado na cidade.



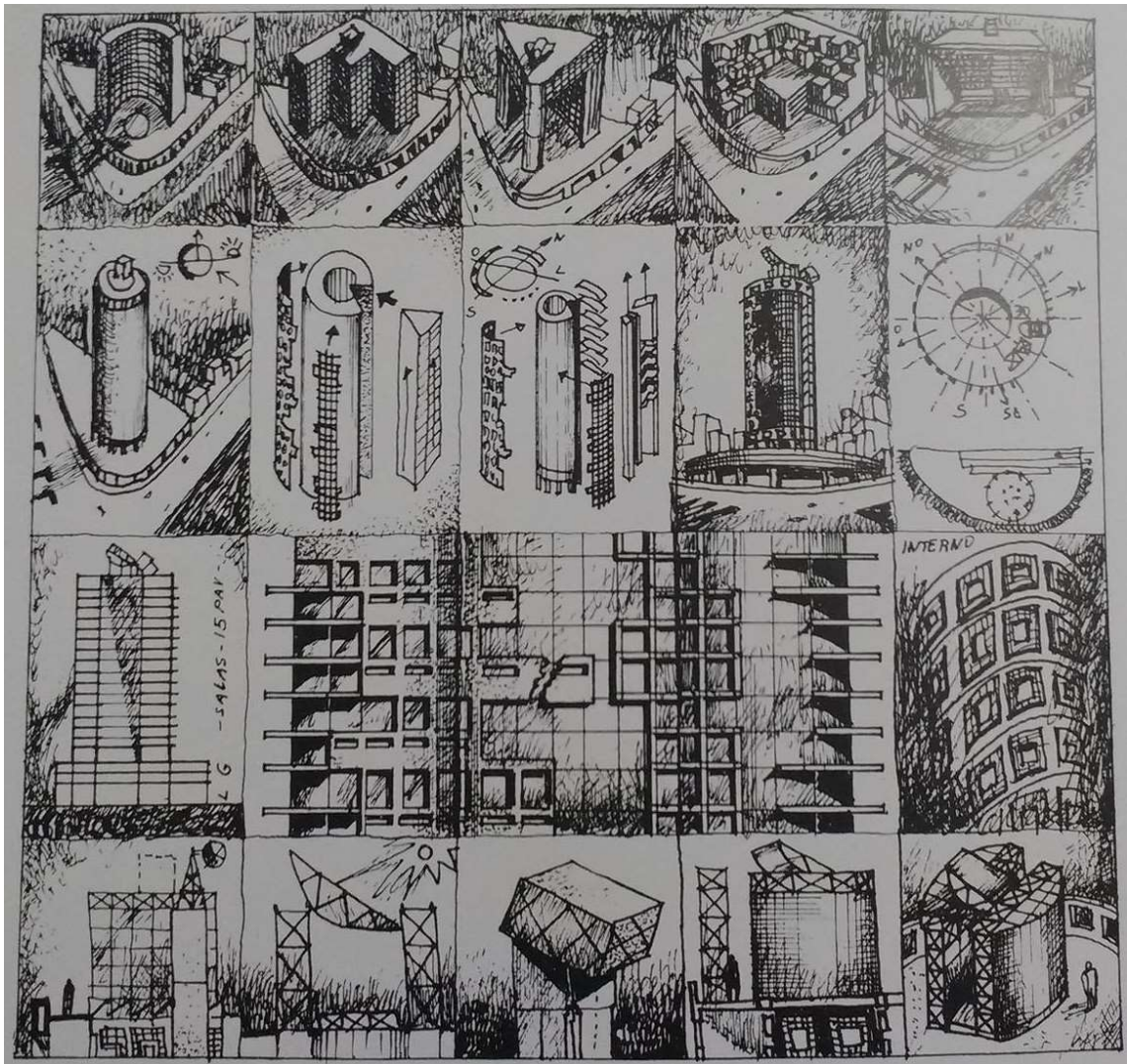


Figura 9: Croquis de estudo de Éolo Maia e Jô Vasconcellos. Fonte: Éolo Maia & Jô Vasconcellos Arquitetos, 1995, p.124.

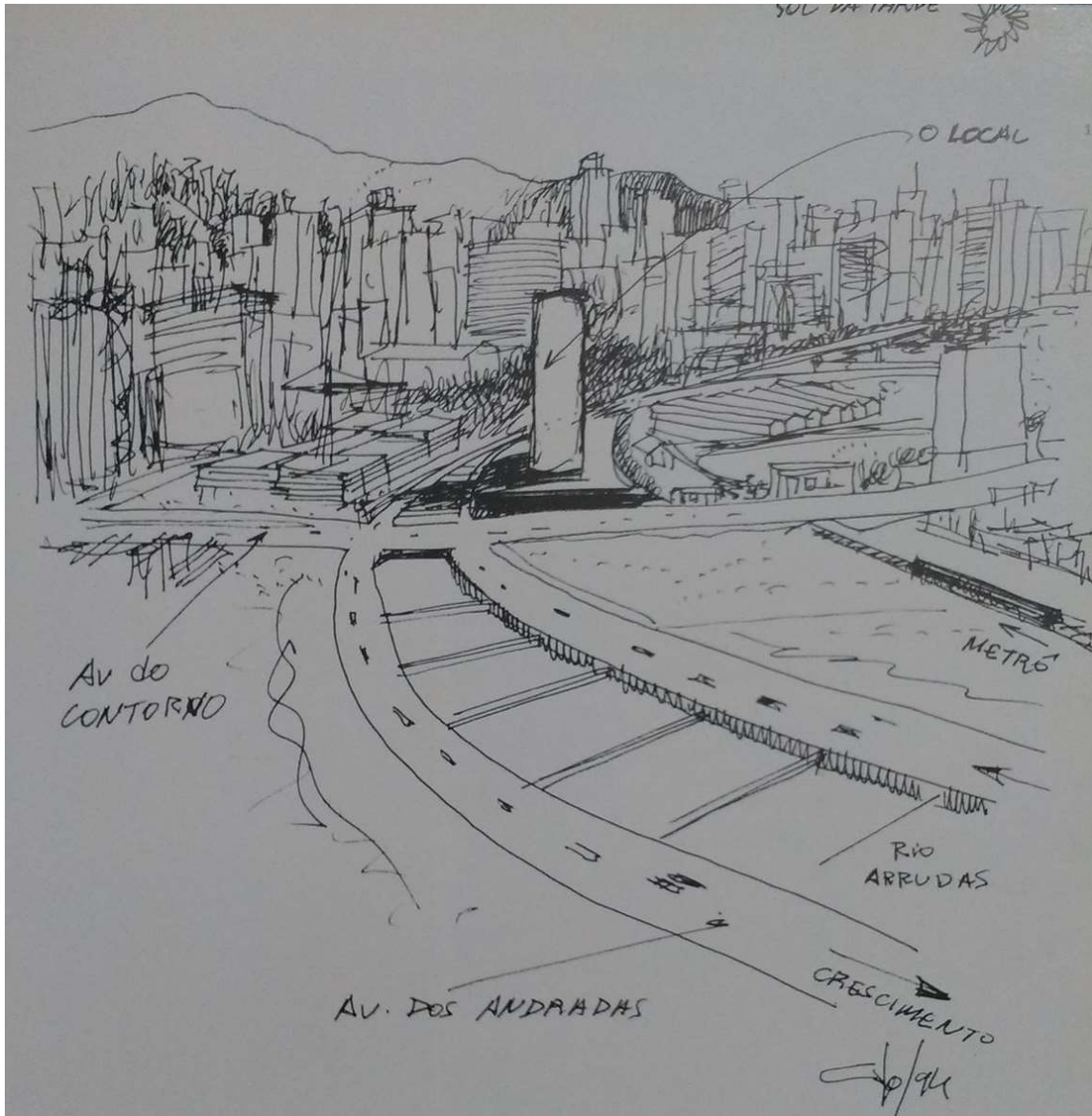


Figura 10: Croqui de volumetria e implantação na paisagem existente. Fonte: Éolo Maia e Jô Vasconcellos, 1995, p.125.

Os croquis das figuras 11 e 12 são propostas de objetos e sua interação com o entorno. Na figura 12, o croqui demonstra priorizar uma visada da cidade por entre suas torres de edificação.



Figura 11: Croqui de Vera Pires para o concurso Las Terrenas, na República Dominicana.  
 Fonte: Revista Projeto, nov. 1994, p.59.

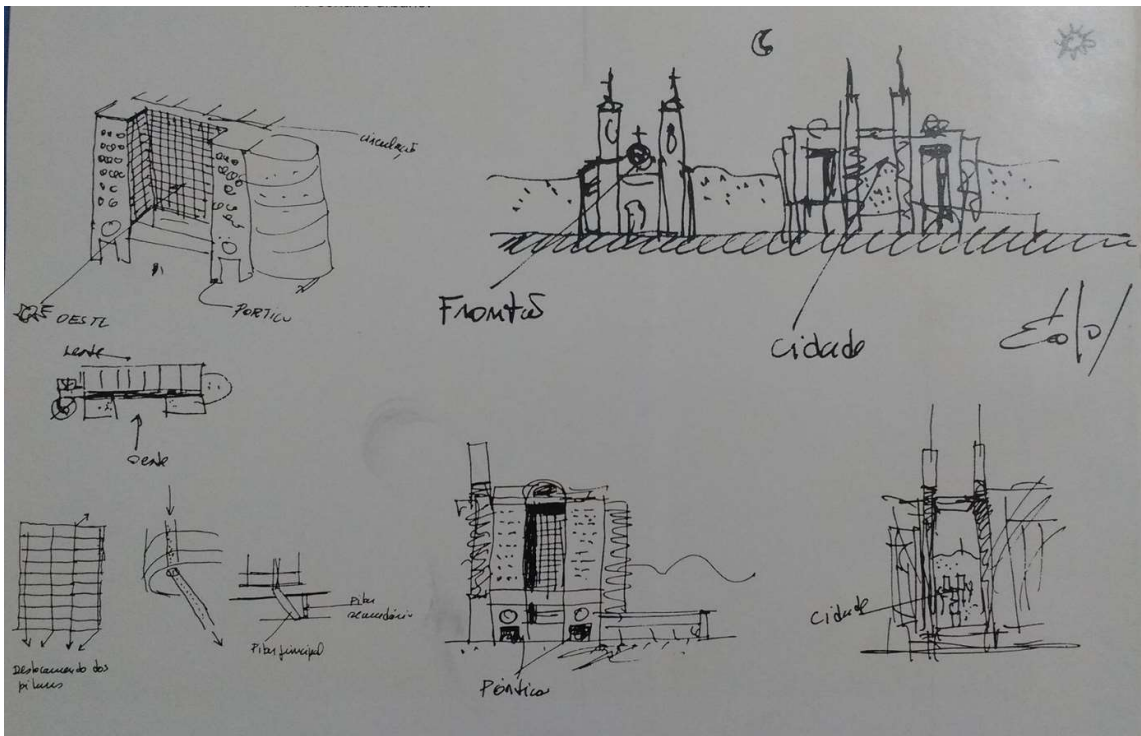


Figura 12: Croquis de estudo de forma e volumetria para Centro empresarial Raja Gabaglia. Fonte: Éolo Maia e Jô Vasconcellos, 1995, p.112.

Todo desenho tem uma intenção e carrega com ele uma mensagem própria, um significado, que Michael Graves aponta ser "fundamental à sua existência." (1977). Por ter uma intenção e vida a partir dele mesmo, o desenho (e o croqui) permite e invoca



quem o vê a uma interação e imaginação que fluem a partir dele ao ser observado. As possibilidades são imaginadas a partir do que foi colocado no papel, e isso é possível pela intenção consciente colocada no desenho. Das várias representações em arquitetura, o croqui é a mais pessoal. É a representação de uma ideia que será mais trabalhada posteriormente, um registro a ser guardado que poderá servir de referência, uma forma de eternizar uma experiência. Quando escolhemos fazer um registro visual, damos chance daquela experiência se firmar em nós e nos modificar, trazendo um significado para aquele momento.

No entanto, se desenharmos para lembrar, a chance que a imagem particular ou grupo de imagens ficarão conosco é obviamente aumentada. No registro dessa observação, nós o fazemos com certeza com um ponto de vista. É essa tendência pela qual o fenômeno natural é interpretado, revisto, que permite ao artista identificar-se com a imagem e ela faz com que tenha um significado especial para ele.<sup>3</sup> (GRAVES, 1977, p.237)

A partir desse registro a cena está guardada na memória, junto com os acontecimentos da situação. O próprio ato de desenhar promove um processo de "pensamento visual", onde percepção, imaginação e desenho estimulam a geração de ideias.

É comum que a cena desenhada fique em mente por um tempo, e até que surjam desenhos feitos dessa memória. Como apontado por Graves, o ponto de vista é o que importa para o artista levar com si essa imagem que passa a ter um significado especial, um significado levantado por ele próprio.

## **2.2. Vivências e a produção de arquitetura**

O ensino e a produção de arquitetura lidam atualmente com a supervalorização da abordagem visual de espaços, uma tendência que costuma deixar de lado a experiência corporal no ambiente. De mãos dadas com o acesso digital ao mundo, o distanciamento

---

<sup>3</sup> Tradução da autora da monografia. "However, if we do draw to remember, the chance that the particular image or set of images will stay with us is obviously increased. In making such a record of our observation, we of course do so with a point of view. It is that very bias by which the natural phenomenon is interpreted, reseen, that allows the artist to identify with the image and causes it to have special meaning for him."

de experiências no mundo real toma conta do aprendizado. Com ferramentas que nos permitem "percorrer" uma rua de qualquer cidade do mundo, somos imobilizados; e mesmo quando é feito um levantamento no local, a maior preocupação é com transcrever informações visuais para um arquivo digital e analisar o espaço físico a partir disso - por uma tela de computador.

A digitalização de tudo trouxe consequências preocupantes para a arquitetura, levando em conta uma abordagem fenomenológica do espaço, que considera as coisas como estão ali apresentadas, a experiência vivida, além do contato com o outro, principalmente os habitantes nativos de cada local. Juhani Pallasmaa (1996) acrescenta ainda que a tecnologia aliada à predileção da visão distanciou a experiência corporal da arquitetura.

A falta de humanismo da arquitetura e das cidades contemporâneas pode ser entendida como consequência da negligência com o corpo e os sentidos e um desequilíbrio de nosso sistema sensorial. O aumento da alienação, do isolamento e da solidão no mundo tecnológico de hoje, por exemplo, pode estar relacionado a certa patologia dos sentidos. É instigante pensar que essa sensação de alienação e isolamento seja frequentemente evocada pelos ambientes mais avançados em termos tecnológicos, como hospitais e aeroportos. O predomínio dos olhos e a supressão dos outros sentidos tende a nos forçar à alienação, ao isolamento e à exterioridade. A arte da visão, sem dúvida, tem nos oferecido edificações imponentes e instigantes, mas ela não tem promovido a conexão humana ao mundo. (1996, p.17)

Temos a falsa impressão de dominar um lugar ao vê-lo pelo satélite do Google Maps, ou conhecer uma parte da cidade apenas pelo Street View. Com certeza tomamos informações essenciais ao projeto também por meios digitais, mas nos retirando do meio real, como saber de fato o cheiro daquela rua, se ela é barulhenta ou calma, por onde as pessoas passam quando chove, quais as figuras que marcam sua presença e são conhecidas naquele meio, qual a sensação de estar por baixo da sombra de um de seus edifícios ou de uma determinada árvore, qual a sensação de subir e descer seus morros, como suas cores se modificam ao longo do dia, se a noite ela se torna perigosa, quais limites fazem parte dela, se há sombra suficiente, se há céu visível por entre os edifícios? Não há familiaridade com o espaço sem o contato direto, pois o corpo do ser humano não está presente e não pode assim absorver toda ambiência local e cada coisa como ela se apresenta e as mudanças experimentadas ao longo do dia.

Apenas andando pela rua e se intrigando com suas peculiaridades, com um olhar curioso pela cidade, podemos entender seu funcionamento na vida real e os fatores que trazem vida para ela, ou o que a fazem ser repelida, ignorada.

A ausência da presença do arquiteto no local que sofrerá intervenção dessensibiliza a ação de planejamento. Se não caminhamos e usarmos a cidade, planejá-la pode ser desafiador. Para intervir com seriedade, segundo a consideração fenomenológica dos autores anteriores, a presença é de extrema importância para o entendimento da essência e aquilo que está à frente. Sem essa intimidade com o lugar, perdemos também a oportunidade de estar em contato com seu *genius loci*.

Esse padrão foi percebido por mim durante a graduação. Quando vamos a um sítio fazer um levantamento da área definida para um projeto, a experiência no lugar em muitas ocasiões é atropelada pela quantidade de informações que se deseja obter para mais tarde passar para um computador. A ânsia de documentar e digitalizar o entorno para depois entendê-lo e tentar apreciá-lo numa tela inviabiliza uma conexão mais profunda com o lugar, uma vez que o tempo corrido no local real é mal aproveitado.

Na falta de interação real e qualitativa com o ambiente perdemos contato com a realidade de outras pessoas que utilizam aquele espaço, justamente os maiores interessados na mudança que o local sofrerá. Essa perda de contato com o que acontece nos leva a uma análise alienada da realidade, e mais tarde contribuirá para uma intervenção que não condiz com as necessidades reais da demanda. Então, como podemos nos voltar para a realidade? O croqui de observação pode ser um meio de se ter essa experiência corporal no espaço, que rebaterá no modo de fazer arquitetura, trazendo de volta a intenção do corpo para o projeto.

Os croquis de levantamento da paisagem (figuras 13 e 14) trazem pontos essenciais do sítio, ao passo que uma fotografia colocaria todos os elementos da cena, que nem sempre são bem-vindos ao entendimento do lugar. Com o croqui, é possível filtrar informações e colocar o aspecto geral e pontos importantes para se considerar num projeto.

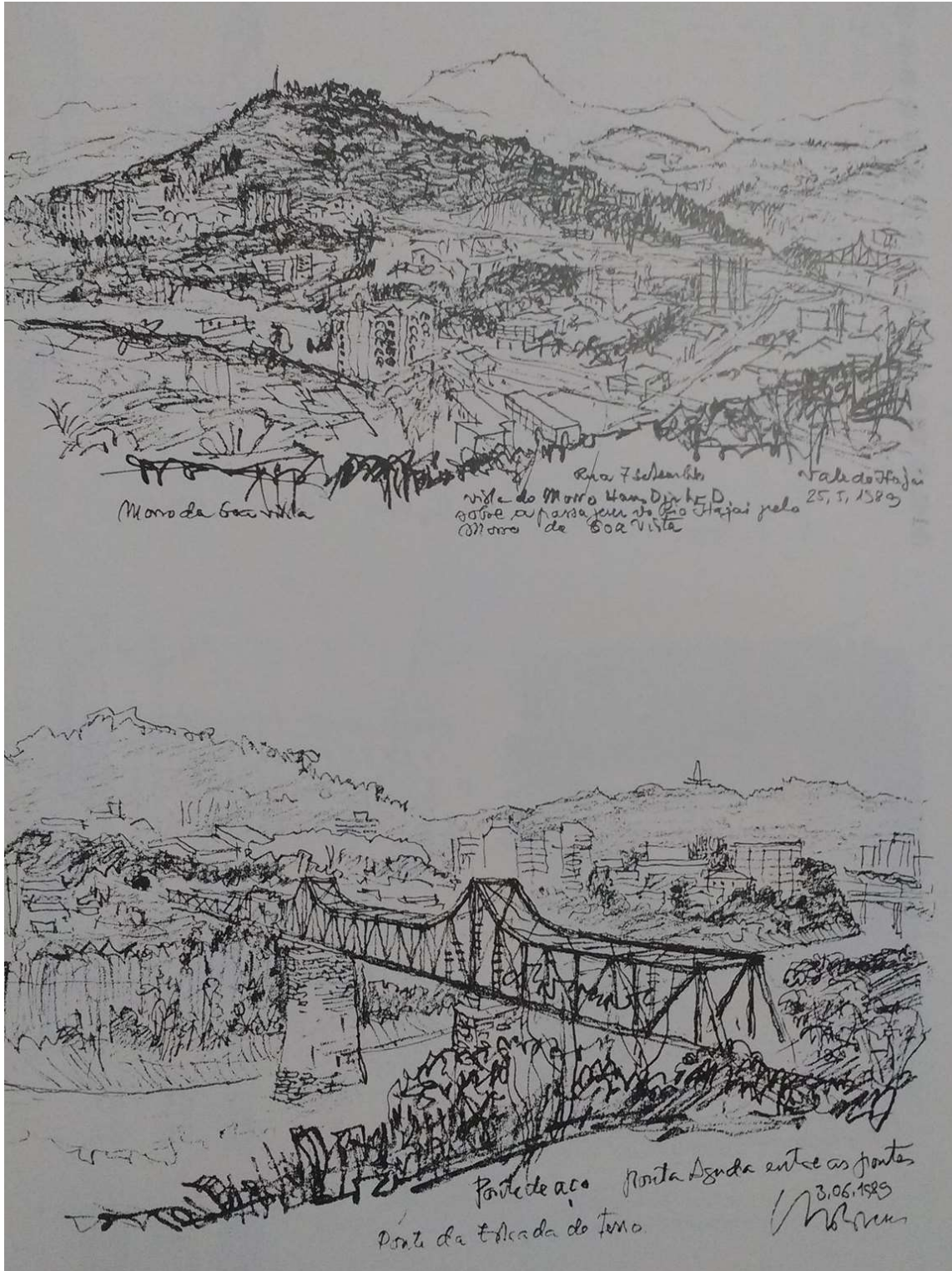


Figura 13: Croquis de Hans Broos de estudos da paisagem para subsidiar o plano diretor de Blumenau, SC. Fonte: Revista Projeto, nov. 1994, p.65.



Figura 14: Croquis de Antônio Luiz Dias de Andrade (Janjão) da paisagem de Piquete, SP. Fonte: Revista Projeto, nov. 1994, p.64.

### **2.3. A vivência a partir do croqui de observação**

O croqui de observação feito no local permite uma conexão com o lugar, pois tem-se mais tempo de se relacionar com o lugar em que nos inserimos para realizar a observação e o croqui. A experiência no local oferece informações sobre as condições climáticas, as ofertas de comércio e serviço, quais tipos de pessoas passam por ali, quais as necessidades que precisam e podem ser satisfeitas naquele lugar e o que o lugar tenta nos proporcionar. A proposta é fazer diversos croquis em dias e horários variados na tentativa de captar a vida em cada local, entendendo como as pessoas habitam (ou tentam habitar) o espaço e potencializar o construir a partir dessa observação e conexão.

Quando vamos a um lugar fazer um croqui acontece uma troca. O ambiente transmite informações e sensações e escolhemos aquilo que fará parte da cena criada, acabando nós também por fazer parte daquela cena urbana que tentamos descrever. Pessoas passam e olham, perguntam, comentam e brincam. A interação com pessoas diferentes em locais variados possibilita que o croqui seja uma ferramenta transformadora para o



projeto. Através do croqui, a vida, os fenômenos e acontecimentos são representados no papel, ao invés de dispormos apenas de informações visuais viciadas sobre o lugar.

Depois de terminado o croqui, aquela imagem criada permanece ainda no pensamento, e o espaço vivido retratado entranha no corpo e passamos a carregar aquela experiência (os cheiros, sons) dentro do nosso ser. Sempre que revemos aquele croqui, a imagem da cena é lembrada como se estivéssemos novamente naquele lugar. Com muito sucesso, é possível que outras pessoas também sintam o que queria ser passado pelo desenho. Para Graves (1977), “o bom desenho, por virtude de sua reciprocidade intrínseca entre mente e ato, vai além de uma simples informação, permitindo a participação plena em seu significado, sua vida.<sup>4</sup>”

A simplicidade que se tem para fazer um croqui e expressar uma ideia do lugar (uma interpretação pessoal daquele ambiente feita de papel e caneta) pode ser levada para qualquer lugar. Isso faz do croqui uma ferramenta de percepção e criação universal, que o arquiteto pode e deve desfrutar para se expressar, e expressar o mundo em sua volta.

O croqui de observação já foi usado por arquitetos como Lúcio Costa, Álvaro Siza e Le Corbusier em viagens para esboçar a percepção de cada um sobre os novos lugares com os quais se deparavam. Em 1907, Le Corbusier começou a documentar suas viagens através de desenhos de observação detalhados e croquis mais soltos. É possível perceber a evolução de sua percepção do espaço em seus croquis. Enquanto em suas primeiras viagens estava mais empenhado em desenhar cada detalhe de fachadas que se interessava (figuras 15 e 16), depois de sua viagem ao Oriente, Le Corbusier passa a usar uma representação menos concentrada em detalhes para transmitir a atmosfera e o volume do espaço concreto dos lugares que visita.

---

<sup>4</sup> Tradução da autora da monografia. “Good drawing, by virtue of this intrinsic reciprocity between mind and act, goes beyond simple information, allowing one to fully participate in its significance, its life.”

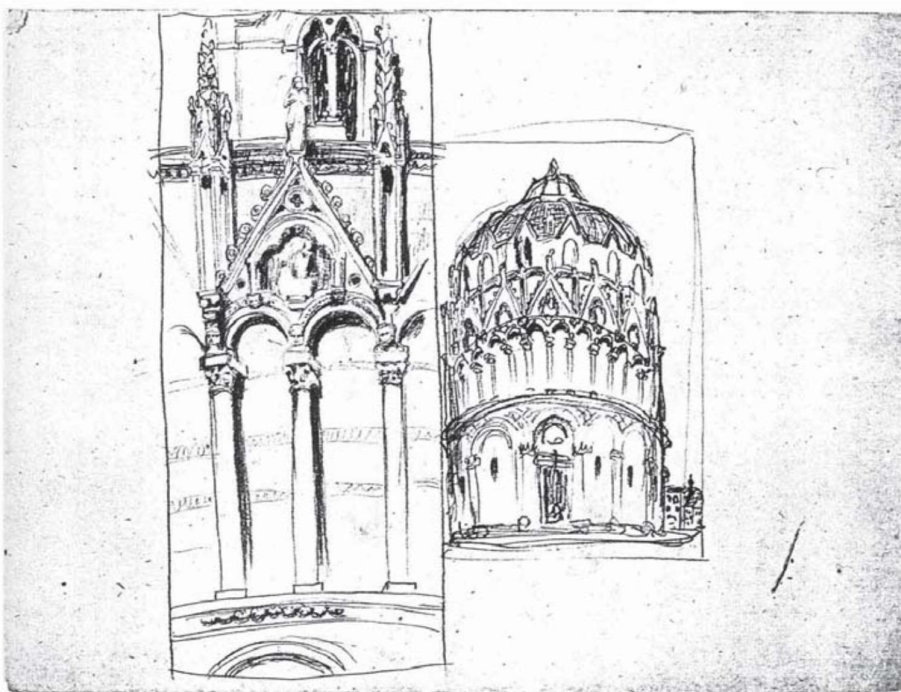


Figura 15: Croquis de Le Corbusier de 1907. Fonte: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, 2006, p.51.

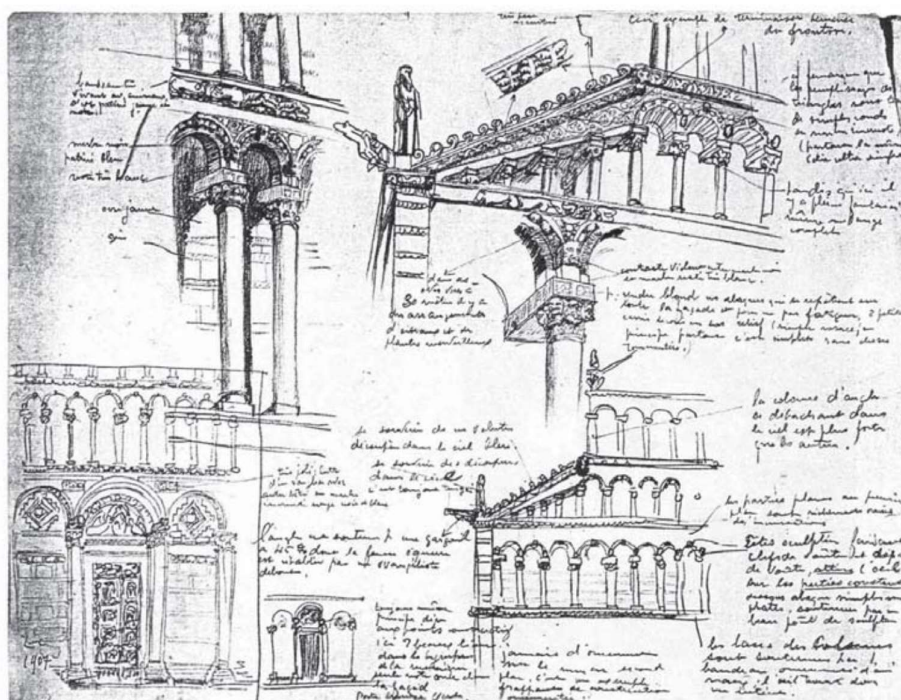


Figura 16: Croquis e anotações de Le Corbusier em 1907. Fonte: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, 2006, p.51.

Na volta a Europa em 1911, percebemos outra intenção nos desenhos dele. As formas menos compromissadas em representar fielmente as fachadas e mais trabalhadas por volumes gerais, sombras e uma representação contextualizada (figuras 17 e 18).

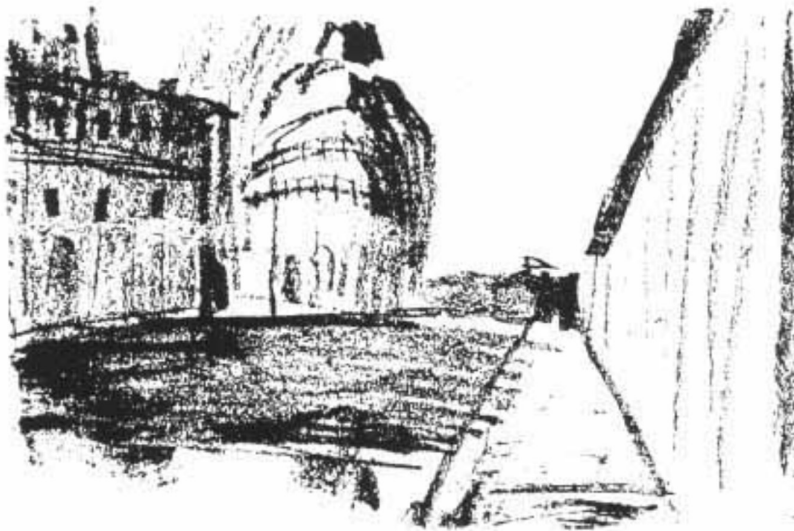


Figura 17: Croqui de Le Corbusier em 1911. Fonte: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, 2006, p.53.

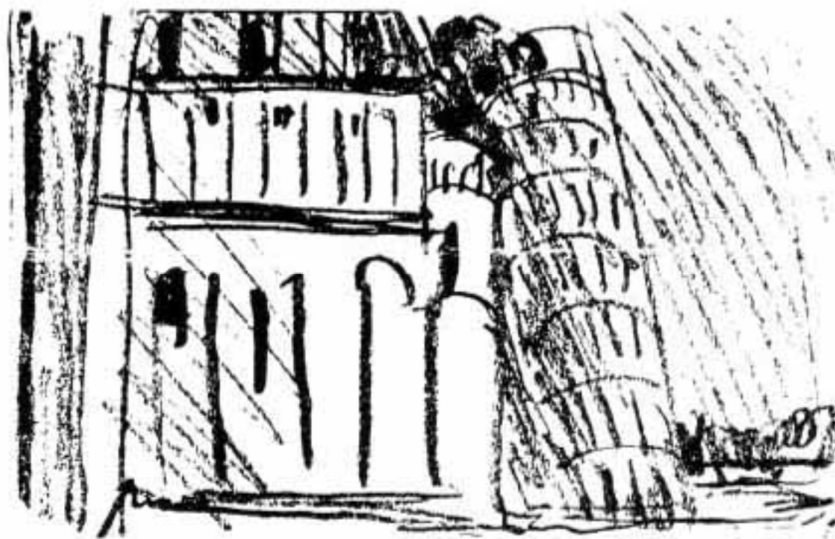


Figura 18: Croqui de Le Corbusier em 1911. Fonte: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, 2006, p.53.

Em sua visita ao Rio de Janeiro no final da década de 1920, Le Corbusier registrou visualmente através de croquis suas impressões sobre a paisagem da cidade. A partir desses desenhos, criou o projeto de um edifício-viaduto, uma estrutura urbana que ao

mesmo tempo acompanha o relevo do Rio de Janeiro e coloca sua paisagem como destaque visual, promovendo aberturas em alturas grandes que contemplam a cidade, os morros e o mar. É uma verdadeira homenagem à paisagem e sua essência, que invoca a percepção e contemplação do lugar, deixando evidente seu impacto no arquiteto.

Para chegar nessa concepção, Le Corbusier visitou os morros (figuras 19, 20 e 24) em busca de novas perspectivas da cidade, trazendo também perspectivas de avião (figura 26) e barco (figuras 21, 22, 23 e 25), observando o seu objeto de estudo do ar, da água e da terra. Seu primeiro croqui no Rio (figura 19) mostra a cidade vista da favela, com as construções da comunidade a frente e no horizonte a vista do alto do morro em direção à cidade.

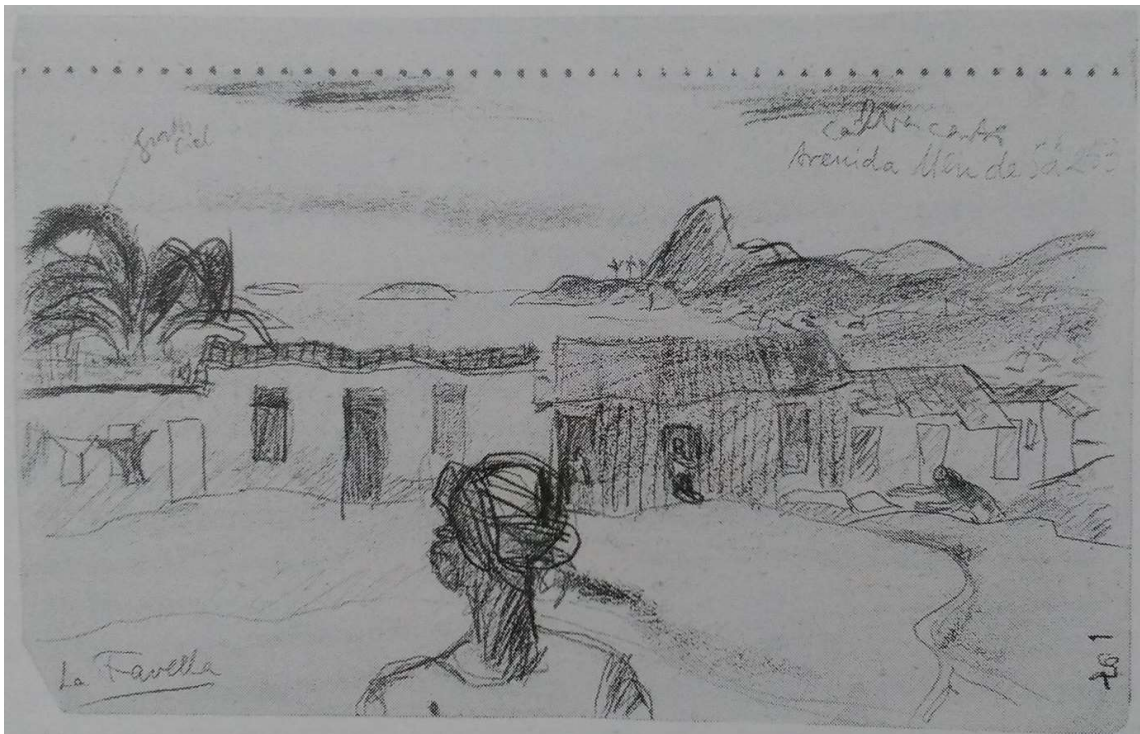


Figura 19: Croqui de Le Corbusier de 1929. Fonte: Le Corbusier - Rio de Janeiro 1929 1936, 1998, p.177.

Para produzir uma perspectiva geral de seu projeto para o Rio, é possível que Le Corbusier tenha usado suas referências de croquis feitos em pontos altos olhando para a cidade e também de uma viagem de avião, como é percebido por sua vista distante e acima da cidade, na figura 26.



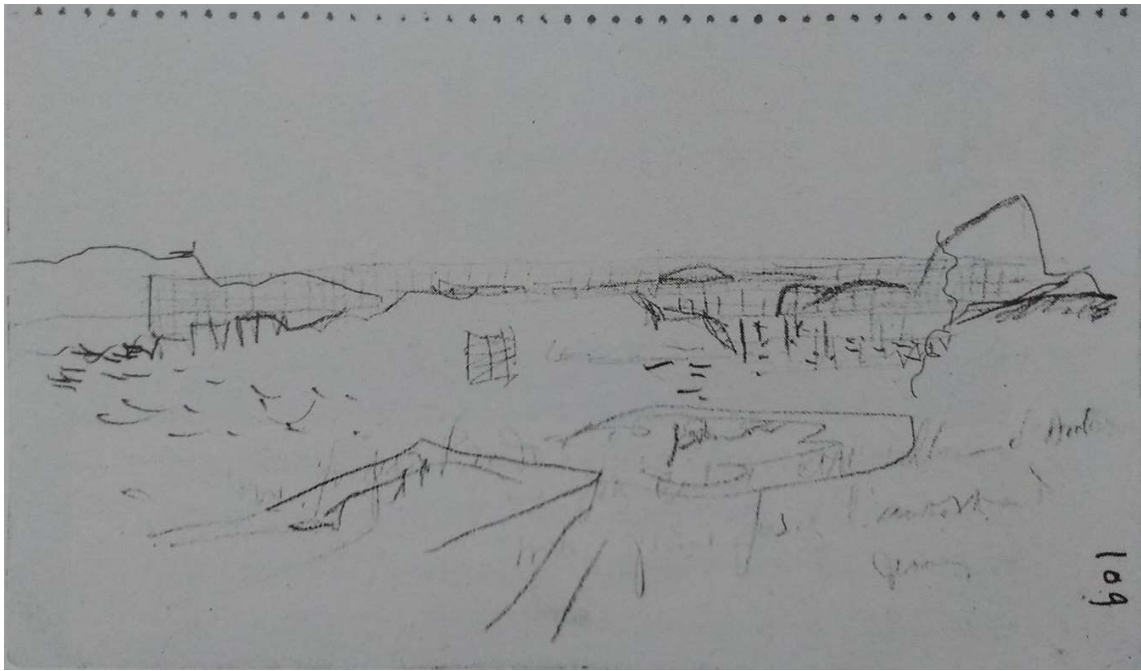


Figura 20: Croqui de Le Corbusier desenhado do alto de Santa Tereza. Fonte: Le Corbusier - Rio de Janeiro 1929 1936, 1998, p.79.

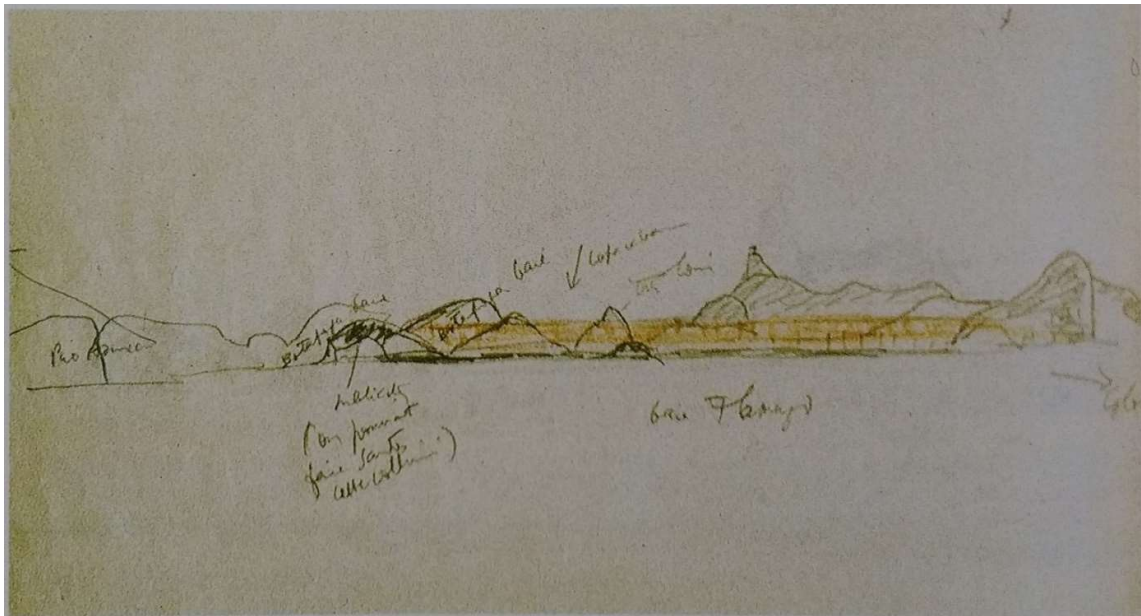


Figura 21: Croqui de Le Corbusier desenhado ao largo da Praia de Botafogo. Fonte: Le Corbusier - Rio de Janeiro 1929 1936, 1998, p.89.

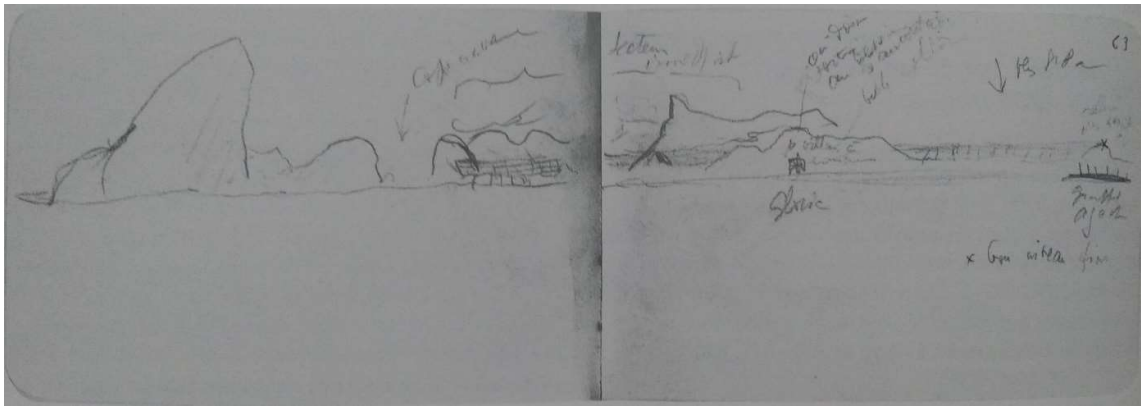


Figura 22: Croqui de Le Corbusier da vista da praia da Gloria a partir do mar. Fonte: Le Corbusier - Rio de Janeiro 1929 1936, 1998, p.96.

Na figura 23, a linha horizontal do nível do mar se repete no croqui do edifício-viaduto em meio a paisagem do Rio de Janeiro. O edifício pensado por Le Corbusier ainda acompanha a escala e as curvas das montanhas, como visto na figura 26.



Figura 23: Croqui de Le Corbusier de 1929. Fonte: Le Corbusier - Rio de Janeiro 1929 1936, 1998, p.73.

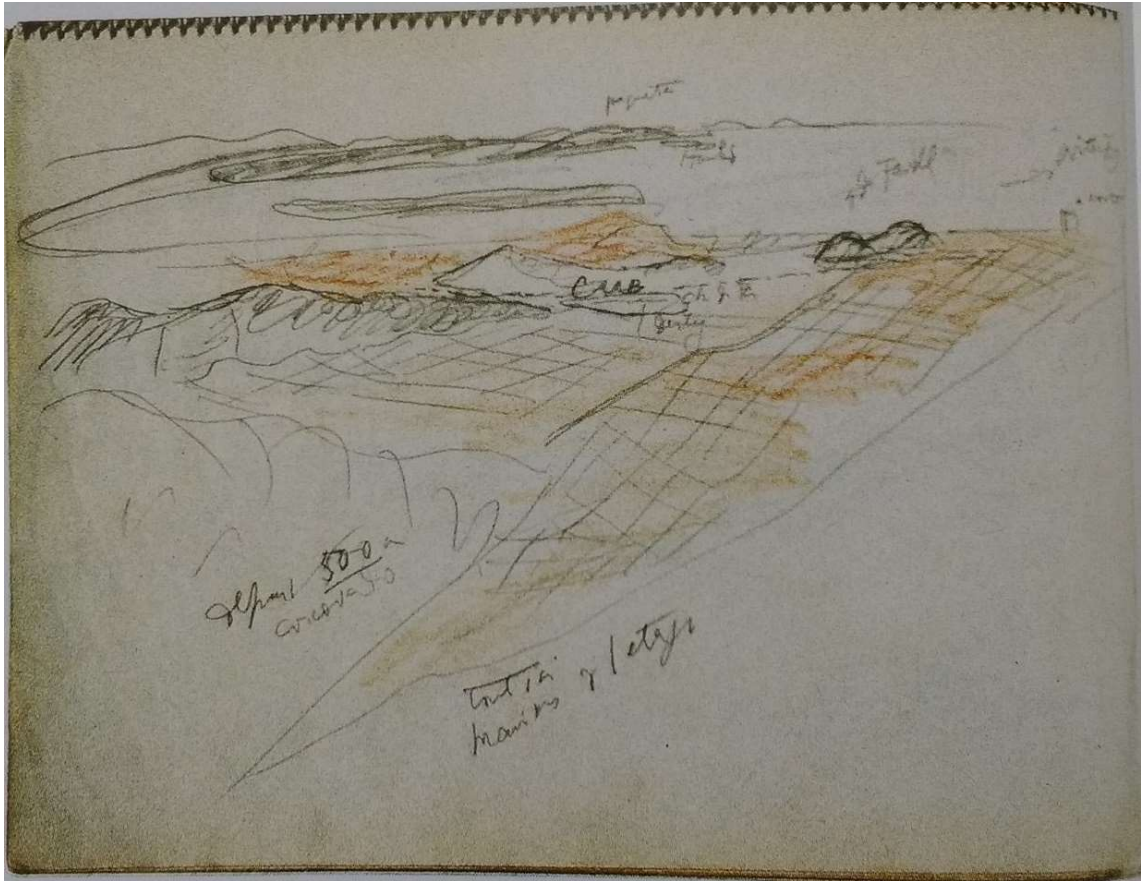


Figura 24: Croqui de Le Corbusier da Baía de Guanabara vista do Corcovado. Fonte: Le Corbusier - Rio de Janeiro 1929 1936, 1998, p.88.

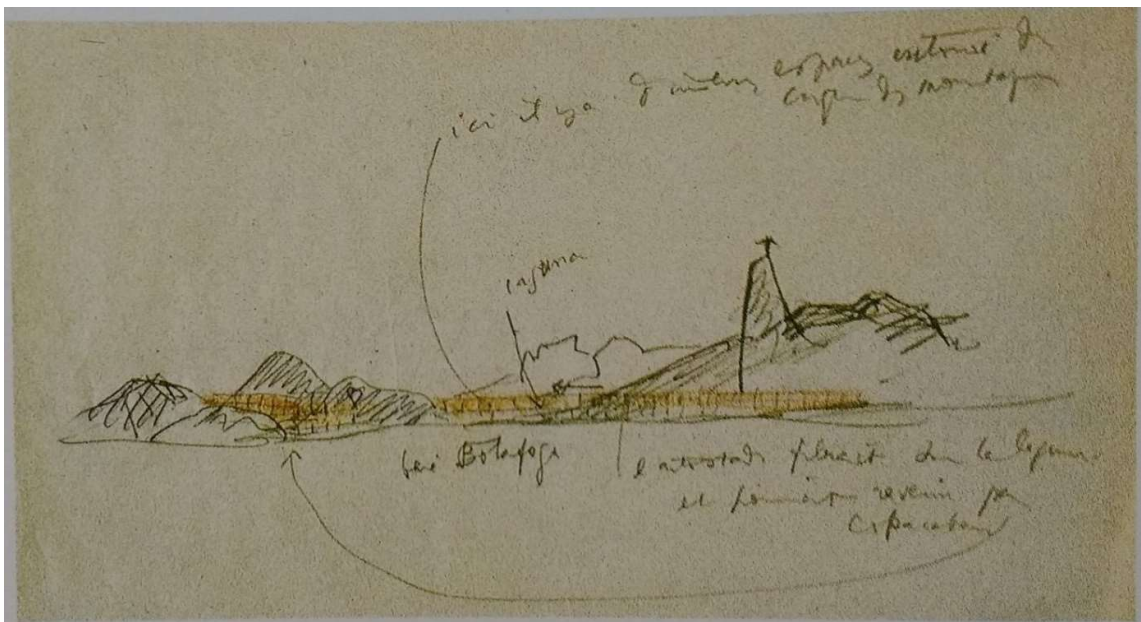




Figura 25: Croqui de Le Corbusier feito ao largo da Praia de Flamengo. Fonte: Le Corbusier - Rio de Janeiro 1929 1936, 1998, p.89

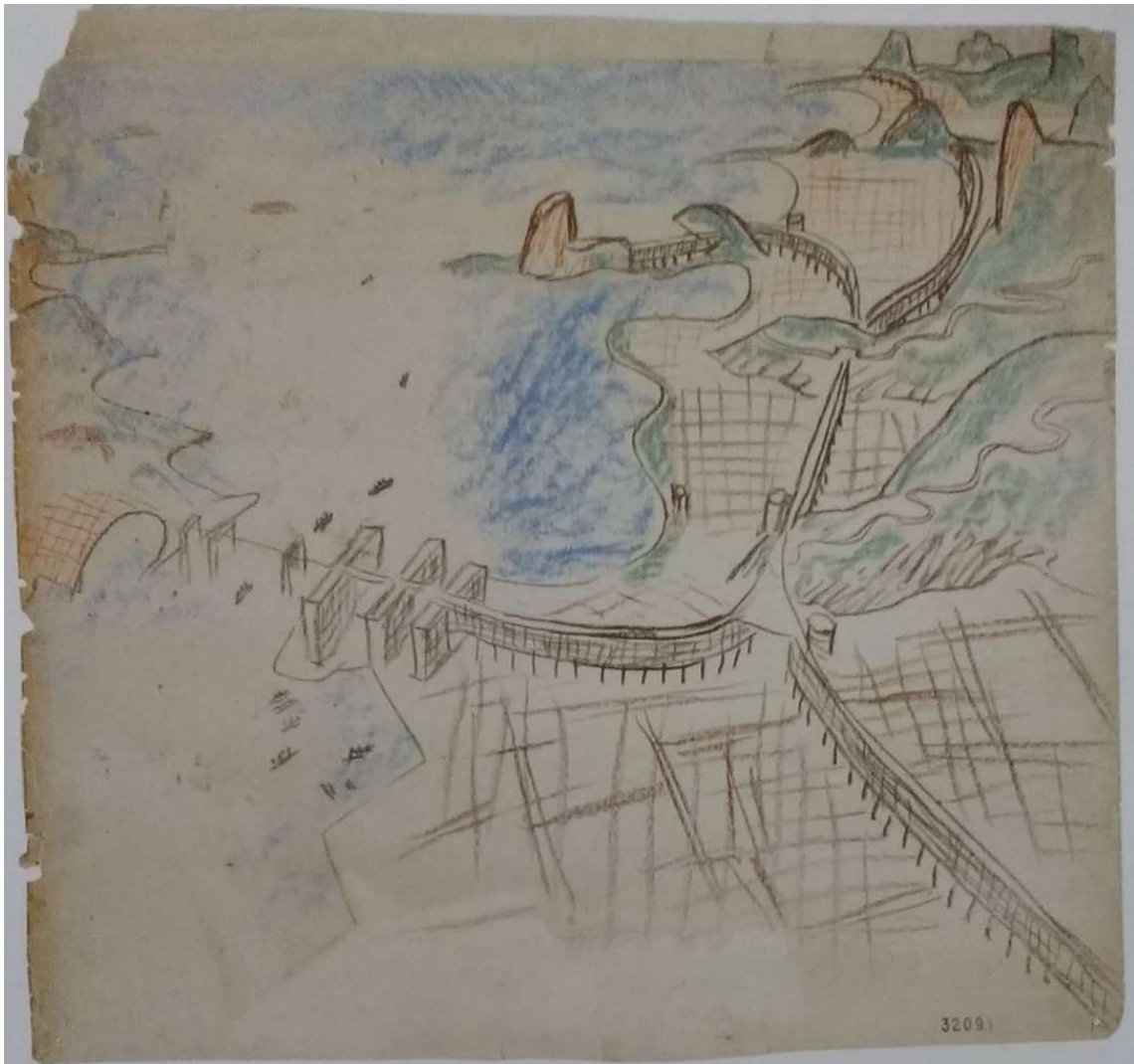


Figura 26: Croqui de Le Corbusier de 1929. Fonte: Le Corbusier - Rio de Janeiro 1929 1936, 1998, p.73.

A experiência de Le Corbusier demonstra como seu método de apreender a paisagem através de croquis teve influência na criação de suas intervenções urbanas. Sem o conhecimento da área e o entendimento rico que obteve da paisagem, talvez fosse impossível que ele pudesse propor sua intervenção.

Na experiência vivida a partir da disciplina Croquis Urbanos, foi possível colocar em prática a aproximação com o lugar através do croqui de observação e outros meios de percepção. Os croquis feitos em variadas situações em lugares centrais na cidade



estimularam a percepção de lugares a partir de novas experiências. Negativas ou positivas, as situações se somaram a um espaço já conhecido trazendo novas perspectivas para lugares conhecidos e experiências únicas em lugares desconhecidos. Foi possível perceber a diferença entre culturas, como a interação com outras pessoas muda em cada lugar novo, costumes locais de uso do espaço, como as pessoas habitam em cada condição de tempo, espaço e comunidade que foram encontradas.

Na figura 27, do croqui feito numa noite quente do Rio de Janeiro mostra os cariocas despojados conversando e bebendo na orla pública do bairro Urca na Zona Sul. Ali se instala um mercado irregular de venda de cerveja que abastece os que habitam o lugar, atraídos pela vista da cidade e ponto estratégico para assistir ao pôr do sol (figura 28).



Figura 27: Croqui da autora.



Figura 28: Croqui da autora.

Ainda no Rio, a aridez da praça Mauá produziu desconforto e traços mais rápidos, resultando em croquis mais simplificados (figuras 29 e 30). O modo como nos encontramos ao fazer os croquis também influencia em sua produção. Se nos sentimos confortáveis em um lugar agradável, é possível que passemos mais tempo nele devido a essas condições. Se estamos em uma situação de desconforto é provável que não permaneceremos lá por muito tempo.



Figura 29: Croqui da autora.



Figura 30: Croqui da autora.

O desenvolvimento do trabalho permitiu a integração de conceitos da fenomenologia ao croqui, voltando-se ao essencial lápis e papel no lugar. A necessidade da experiência no local como forma de melhorar intenções arquitetônicas é atendida no momento em que o croqui de observação é feito, e a necessidade de respeitar o habitar é trazido na intenção influenciada por essa experiência.

Visto o trabalho de diversos arquitetos que utilizam o croqui como meio de expressão, percebemos que o croqui é uma grande ferramenta (além de ser a mais antiga e tradicional) disponível para o arquiteto na observação e principalmente na criação de lugares. O croqui de observação nos permite uma imersão no mundo, e o croqui de criação nos deixa viajar além dele.

O croqui de observação é uma ferramenta importante para a aproximação e entendimento dos lugares. Sua utilização para preceder ideias arquitetônicas pode ser fundamental para trazer ao projeto demandas compatíveis com a realidade em cada contexto. Já o croqui de criação é um aliado tradicional do arquiteto, que atualmente perde seu espaço para a criação digital, mas ainda persiste por seu caráter acessível e atemporal.

O croqui permite que ideias e interpretações ganhem vida. Com riscos no papel gravamos e propagamos nossas expressões próprias, na busca de inventar o que ainda não foi inventado, discutir propostas, apresentar uma solução.



### 3. Área de intervenção em Juiz de Fora

A cidade de Juiz de Fora, localizada no interior de Minas Gerais, é um centro urbano regional de comércio, saúde, serviços e educação para sua região próxima na Zona da Mata mineira. Com uma população de aproximadamente 559 mil habitantes<sup>5</sup>, a cidade ainda recebe diariamente pessoas de municípios vizinhos, e funciona como um centro de apoio às cidades ao seu redor, tendo inclusive proposta de implementação de uma região metropolitana de Juiz de Fora (Figura 32).



Figura 31: Localização de Juiz de Fora. Fonte: Wikipedia, acesso em jun. 2017.

<sup>5</sup> Segundo a estimativa do IBGE para 2016.

## QUAIS SÃO

### Municípios da Região Metropolitana de Juiz de Fora

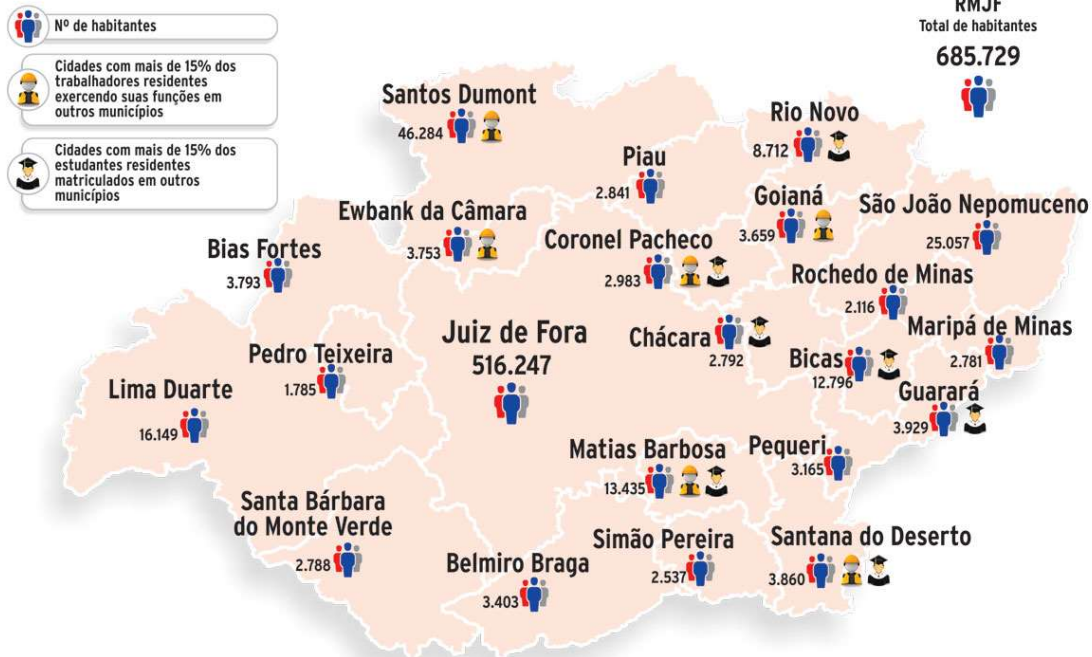


Figura 32: Municípios que participariam da Região Metropolitana de Juiz de Fora. Fonte: Tribuna de Minas, acesso em jul. 2017.

O centro da cidade (Figura 33) foi escolhido como lugar de interesse para intervenção urbana pois apresenta várias características que fazem parte da paisagem de Juiz de Fora. O centro se localiza na área plana da cidade e é cercado por morros principalmente nas direções leste e oeste, seguindo o vale formado pelo rio Paraibuna na direção norte-sul. Esses elementos, os morros e o rio, já trazem para a cidade uma paisagem única, com uma configuração típica da região mineira em que se encontra. Essa riqueza de elementos naturais será explorada com prioridade, por sua capacidade de trazer uma nova conexão com o lugar em que estamos, através do aumento do senso de orientação e identidade dos habitantes da cidade.

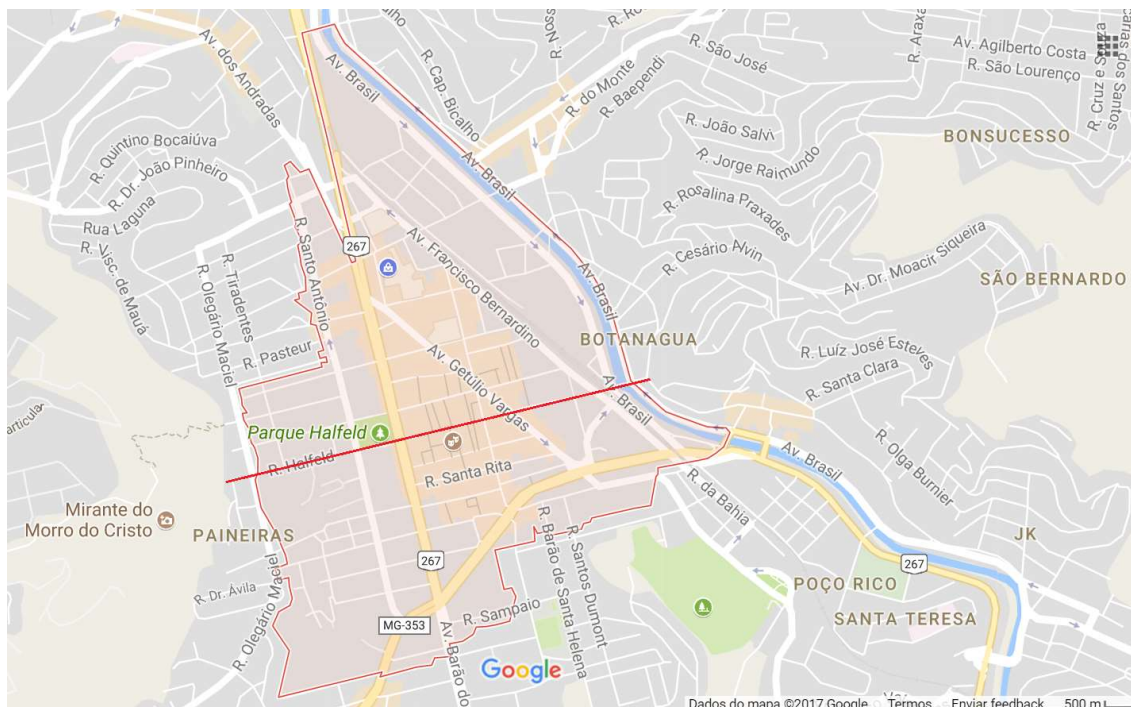


Figura 33: Centro de Juiz de Fora, Rua Halfeld destacada em vermelho. Fonte: Google Maps, acesso em jul. 2017.

Atualmente o centro se encontra abandonado no sentido de não ter atenção devida e cuidado por parte da gestão pública da cidade, apesar de seu intenso movimento diurno de pessoas que o utilizam por ser ainda o lugar que concentra atividades comerciais, de serviço, etc. Muitas de suas ruas se encontram esburacadas e são desconfortáveis para a passagem de pedestres e são ainda piores para pessoas com mobilidade reduzida. O fluxo de pedestres também é continuamente interrompido para dar espaço ao transporte privado. Quanto aos lugares de permanência, as praças se conformam com poucos bancos sempre disputados por quem quer um descanso para as pernas ou uma sombra para se refrescar no calor.

O rio é ignorado, parecendo apenas dividir a cidade e limitar o centro, segue poluído e com opções precárias para o lazer, embora exista interesse em atividades como corrida em suas margens. As pontes sobre o rio não oferecem nenhuma alternativa a não ser a passagem de carros e pedestres, bem estreitas, e ao cruzar suas margens não se vê um lugar para sentar-se e observar o rio, a ponte, as pessoas passando, a cidade acontecendo. Ou seja, as condições existentes não fornecem o habitat necessário.

O propósito da fenomenologia para o trabalho está em reconhecer a importância de uma experiência presencial e significativa para então identificar problemas, soluções, significados e potenciais lugares de convivência, identidade e conexão em Juiz de Fora e trabalhar para que eles tenham relevância na vida de seus habitantes. Através da discussão sobre a fenomenologia do lugar, temos condição de entender os elementos e organizações espaciais necessárias à compreensão de um sítio, e podemos ainda, através da arquitetura, sintetizar essas informações e escolher o que será presenciado e como, em que contexto.

A fenomenologia se volta para o básico: o mundo que experimentamos com o corpo, um mundo de sensações e fenômenos que podemos experimentar completamente apenas em presença física. Isso deve ser continuado na cidade, para que na presença de sua estrutura possamos entender a nossa relação com o nosso meio, sentir que fazemos parte dele, somos moldados por ele, e o mais importante: devemos cuidar do nosso lugar.

As potencialidades subutilizadas de Juiz de Fora passam despercebidas pela maioria de seus habitantes e visitantes que simplesmente transitam por esses locais e não se relacionam com eles, o que é uma perda de qualidade de vida na cidade.

A configuração do espaço é o que permite essa relação fraca. Se não temos um local apropriado, para que permanecer, habitar, cuidar e promover a melhora do mesmo?

Sendo o habitar o propósito do trabalho e o início da proposta de conexão maior com a cidade, o projeto pretende contemplar as necessidades humanas de se identificar com algo inesperado e ao mesmo tempo significativo para o lugar. “Devemos repetir que a necessidade maior do ser humano é experimentar sua existência de forma significativa.”<sup>6</sup> (NORBERG-SHULZ, 1980, p. 166). Despertar o permanecer e pertencer através da identificação com o lugar é o objetivo, que será alcançado através de elementos e configurações que trarão novas identidades a lugares “subestimados”.

As novas identidades contemplarão aspectos da paisagem juiz forense, dando espaço para costumes locais e agregando toda a população que faz uso da área, englobando o morador de rua, o comerciante fixo e o ambulante, os transeuntes, os usuários desses serviços, enfim, todo habitante daquele lugar.

---

<sup>6</sup> Tradução da autora da monografia. “We ought to repeat that man’s most fundamental need is to experience his existence as meaningful”



Para isso, o projeto que se propõe para a área da Rua Halfeld entre a Avenida Brasil e a Avenida Getúlio Vargas terá uma intenção de permanência no lugar, com novas áreas antes destinadas a carros ou não utilizadas agora pensadas para o estar dos habitantes, uma nova passagem de pedestres sobre o Rio Paraibuna e requalificação das margens do rio, permitindo uma aproximação maior com o meio natural.



Figura 34: Croqui de intenção para o Rio Paraibuna.

O rio é um lugar estratégico, de onde são vistos o Morro São Bernardo e o Morro do Cristo. Os dois morros têm realidades diferentes: enquanto no primeiro temos uma área pouco desenvolvida, no segundo temos a área mais desenvolvida da cidade, ao lado do centro e contando com todas as suas facilidades e benefícios da cidade. Através do rio, esses lugares serão aproximados, primeiro visualmente, depois, esperamos, no sentido de mostrar as diferentes realidades da cidade e integrá-la cada vez mais. Sem um lugar onde possa ocorrer essa visualização e reflexão por parte de quem está ali, a cidade nega as realidades contidas nela e sua verdadeira vocação de fornecer um habitar e construir coletivo.

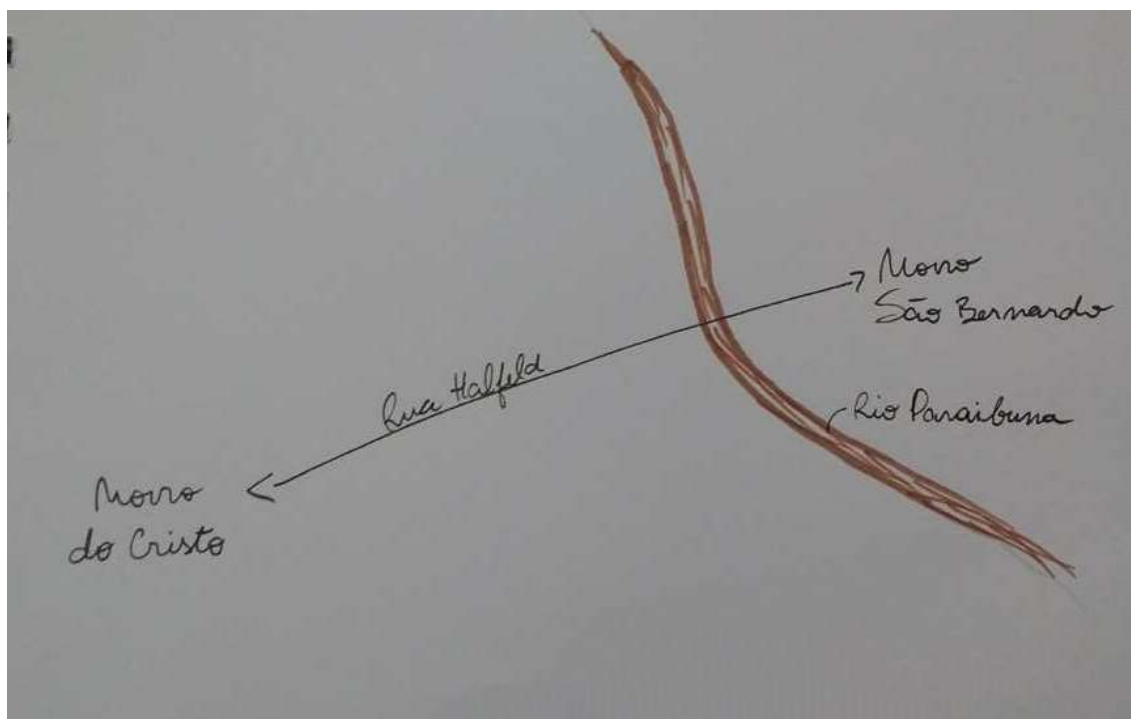


Figura 35: Croqui esquemático das vistas possíveis dos morros a partir da Rua Halfeld em sua seção mais baixa, no centro.

A recuperação de locais de passagem para pedestres, ampliação e melhoria no uso de áreas verdes, reconfiguração do trânsito na área, melhoria geral na qualidade de vida local. O projeto tem o intuito de definir novas áreas de permanência e passagem no centro e instigar o sentimento de pertencimento juiz forense.

A partir do sentimento de pertencimento damos dignidade as pessoas, tiramos sua alienação e promovemos o contato social e conexão com o espaço. Benéficos à vida em sociedade justa, os lugares que trazem integração ajudam a promover maior consciência da cidade sobre ela mesma em todas as suas faces.

A alienação, em nossa opinião, acontece primeiramente devido à perda da identificação do ser humano com as coisas naturais e feitas pelo homem, que constituem seu ambiente. Essa perda também dificulta o processo de ajuntamento, e é, portanto, a raiz da nossa perda do lugar. As coisas se tornaram meros objetos de consumo que são jogados fora depois de seu uso, e a natureza é tratada como um recurso. Apenas se o ser humano recuperar sua capacidade de se identificar e de ajuntamento, poderemos parar esse desenvolvimento destrutivo.<sup>7</sup> (NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 168)

---

<sup>7</sup> Tradução da autora da monografia. "Alienation is in our opinion first due to man's loss of identification with the natural and man-made things which constitute his environment. This loss also hinders the process of gathering, and is therefore at the root of our actual "loss of place". Things have

Ou seja, apenas ao visualizar e identificar o que temos é possível construir um lugar e uma sociedade que caminham para a sua libertação e não para sua alienação.

O meio de se fazer isso é criar uma nova identidade em que todos façam parte, se desprendendo de valores que são ruins para a cidade e dando continuidade aos bons, além de criar novos valores que farão parte da vida da cidade.

O ser humano tem a necessidade de se identificar com seu entorno, entender suas referências e se sentir localizado. Se a cidade muda constantemente, tiramos a sensação de liberdade individual no espaço coletivo, somos alienados em relação ao nosso próprio lugar. A arquitetura deve então entender os elementos de organização, articulação, ordem e caráter de cada lugar para identificar seu *genius loci* e permitir a continuidade daquele contexto, permitindo aos habitantes do lugar a continuidade de sua autonomia e identificação com o espaço.

---

become mere objects of consumption which are thrown away after use, and nature in general is treated as a "resource". Only if man regains his ability to identification and gathering, we may stop this destructive development."

## 4. Projeto

Como foi abordado no Capítulo 3 da monografia, a proposta de intervenção para o TCC 2 será um projeto urbano em que o croqui de observação, e conseqüentemente a aproximação com o lugar será o ponto de partida. O conceito de habitar pensado por Heidegger vem de uma perspectiva fenomenológica diante do meio em que vivemos. Ao entrar em contato com o mundo estamos nos tornando parte dele e ele de nós, e isso é habitar e fazer parte de algo maior. A proposta do trabalho é vivenciar a cidade de forma que possamos habitá-la, e a partir do habitar seguir a construção de uma vida coletiva. O desejo aqui é que o impacto de uma transformação que se baseie em vivenciar o lugar traga outros olhares, perspectivas e ações futuras para o seu complemento, e a conexão criada seja duradoura e sempre participativa.

Para chegar a concepção inicial, visitas foram feitas no local e alguns croquis foram produzidos. A partir disso, propõe-se uma intervenção urbana na parte baixa do centro, em especial a Rua Halfeld e seu percurso pelo Rio Paraibuna.

Em primeiro lugar, o foco do projeto é criar um lugar que transforme a vida das pessoas, as façam se sentir parte da cidade e de sua identidade. Segundo, criar eixos de orientação e visualização para que os habitantes da cidade entendam o espaço em que se encontram. Por último, criar uma aproximação com os lugares que incentive seus habitantes a buscar outras diferentes soluções que melhorem e complementem a sua qualidade de vida, irradiando para o resto da cidade essa transformação.

Para isso, serão feitas intervenções pontuais que melhorem a vida de quem passa e permanece naquela região. Primeiramente, as calçadas serão reformuladas para atender seu propósito, os bloqueios de passagem serão extintos e em seu lugar estarão radares para controlar a velocidade do trânsito na região.

Depois virá a aproximação com o Rio Paraibuna, a natureza de suas margens e as visadas dos morros (Figuras 36 e 37). Com muitas árvores para servir de sombra durante dias quentes, serão feitos módulos de decks de madeira personalizáveis destinados a permanência (Figuras 34 e 38). Para complementar as margens, as calçadas da Avenida

Brasil serão reconfiguradas e adaptadas para servir aos pedestres e corredores de rua. Um ponto para alongamento e pequena academia também é colocado. No local em que se observou um vendedor ambulante, será feita estrutura de apoio para sua barraca.



Figura 36: Croqui da vista do Morro do Cristo a partir da ponte da Rua Halfeld.



Figura 37: Croqui da vista do morro São Bernardo feito da ponte da Rua Halfeld.

Ainda no rio, uma passagem exclusiva para pedestres, ciclistas e skatistas será feita com espaço também para um quiosque e banheiro público (o banheiro acima do rio poderá instigar as pessoas a pensarem no esgoto e na sujeira do rio) que complementar as facilidades oferecidas (Figura 39). Os módulos de decks de madeira também serão reproduzidos como “plataformas flutuantes” no rio e utilizados como mais uma opção de permanência.



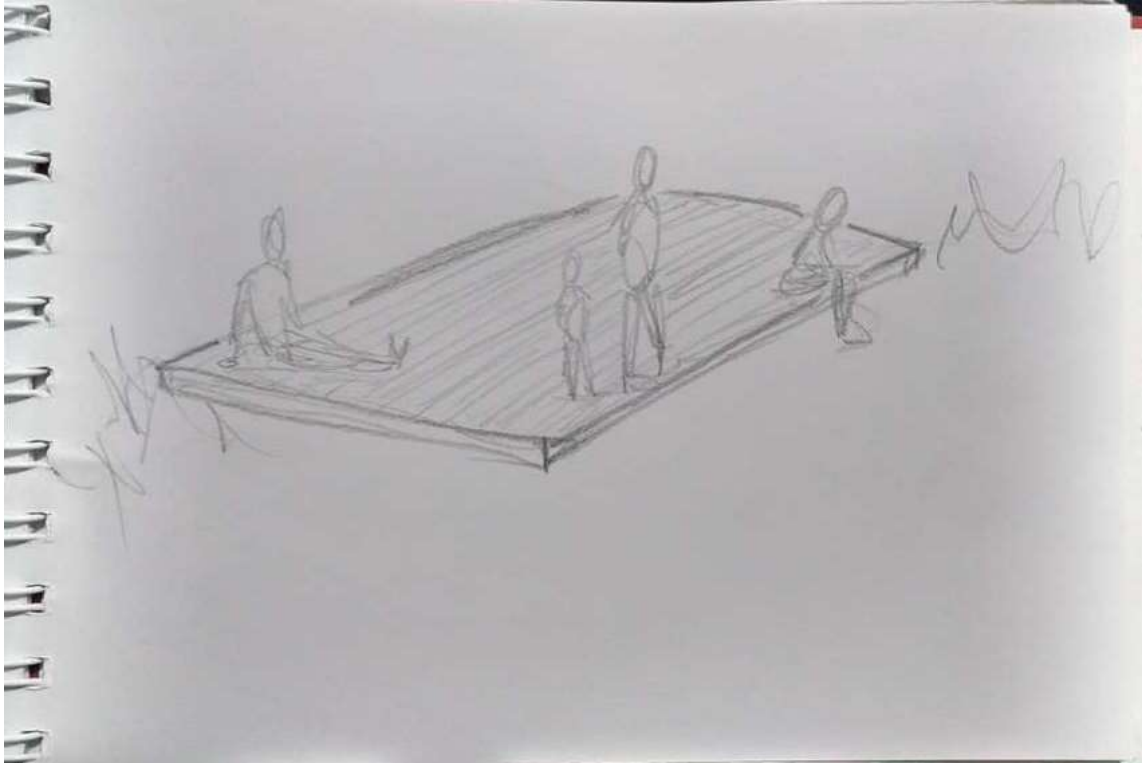


Figura 38: Decks que ficarão nas margens do Paraibuna.



Figura 39: Croqui da passagem de pedestres sobre o rio.

Uma passagem elevada e preferencial para pedestres (mesmo nível da Praça da Estação e a calçada oposta) na Avenida Francisco Bernardino (Figura 40) será colocada no lugar da faixa atual. Os impeditores de passagem também serão removidos, e para continuar a seguridade dos pedestres em relação ao trânsito da área serão colocados radares de velocidade baixa para a via, que atualmente é de 60km/h.



Figura 40: Avenida Francisco Bernardino. Fonte: Acervo pessoal.

No trecho da Rua Halfeld acima da Praça da Estação (Figura 41), observa-se um intenso comércio informal e grande número de carros competindo por espaço nas áreas de estacionamento. A proposta para esse trecho é a criação de áreas para parklets (Figura 42) e estruturas de apoio para os ambulantes (Figura 43). A implementação de fiação subterrânea para transmissão de energia elétrica, telefonia e outros cabos será feita afim de melhorar a segurança nas calçadas e leitura geral da área.



Figura 41: Postes e fiação comprometem a leitura de edifícios tombados na Rua Halfeld entre a Praça da Estação e Av. Getúlio Vargas.



Figura 42: Croqui de proposta para trecho da Rua Halfeld.



Figura 43: Croqui de proposta para trecho da Rua Halfeld.

## **Bibliografia**

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius loci: towards a phenomenology of architecture**. Nova York, 1980.

GRAVES, Michael. **The necessity for drawing**. Architectural Design, Reino Unido, jun. 1977.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. Conferência em Darmstadt, 1951.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

TSIOMIS, Yannis (Editor). **Le Corbusier – Rio de Janeiro: 1929,1936**. Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1998.

PEREIRA, Marcos da Veiga. **Éolo Maia e Jô Vasconcelos**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

DOURADO, Guilherme Mazza. **O croqui e a paixão**. Revista Projeto, Brasil, n. 180, nov. 1994.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Martins Fontes, 2000.



LANCHA, Joubert Josér. **O olho e a mão, o desenho na primeira viagem de Le Corbusier**. Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo. São Paulo: USP, fev. 2006.

PEREIRA, Ricardo Lopes. **Morte e vida dos espaços públicos de sociabilidade: os Hortomercados Cobal do Méier Humaitá – Rio de Janeiro**. Niterói, UFF, 2010.

TRIBUNA DE MINAS. Juiz de Fora, 1981- . Disponível em: <http://www.tribunademinas.com.br/proposta-de-regiao-metropolitana-depende-de-uniao-politica/>

CIDADES, Instituto Brasileiro de geografia e Estatística (IBGE). **Dados do município de Juiz de Fora**, 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=313670> >